WWW.PLACAR.COM.BR
COLEÇÃO
PLACAR
Grandes perfis de PLACAR
7 893614 012520
Abril
ED. 1235 | SETEMBRO 2002 | R$ 4,90
Denilson
Serginho
Raí
Rogério Ceni
Pedro Rocha
São Paulo
OS 23 MELHORES PERFIS JÁ PUBLICADOS NOS 32 ANOS DE PLACAR. RAÍ, CARECA, KAKÁ, MÜLLER, DARÍO PEREYRA, SILAS, FRANÇA, EVERTON, MIRANDINHA, FORLAN, PITA, OSCAR E MUITOS OUTROS
Kaká
Valdir Peres
Careca

EDITORA Abril

Fundador: VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: ROBERTO CIVITA
Vice-Presidente e Diretor Editorial: THOMAZ SOUTO CORRÊA
Diretor Editorial Adjunto: LAURENTINO GOMES

Presidente Executivo: MAURIZIO MAURO

Vice-Presidente Comercial: CARLOS R. BERLINCK
Diretora de Publicidade Corporativa: THAIS CHEDE SOARES B. BARRETO

Diretor de Unidade de Negócio: Paulo Nogueira
Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho

Editor Especial: Arnaldo Ribeiro **Coordenação:** Silvana Ribeiro **Atendimento ao leitor:** Alessandra Mennel **Colaboradores:** Leandro Simões (editor), Crystian Cruz (diretor de arte), Fernando Moira (diagramador) e Alexandre Battibugli (editor de fotografia)

www.placar.com.br

Apoio Editorial Depto. de Documentação: Susana Camargo **Abril Press:** Rosi Pereira **Prepress:** Susana Cruz **Publicidade: Diretor de Vendas:** Sergio Amaral **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Ricardo **Diretor de Publicidade Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Executivos de Negócios:** Leticia Di Lallo, Marcelo Cavalheiro, Robson Monte, Rodrigo Floriano de Toledo, Leda Costa (RJ) **Gerentes de Vendas:** Marcos Peregrina Gomez (SP), Rodolfo Garcia (RJ) **Executivos de Contas:** Carla Alves, Marcello Almeida, Marcelo Pezzato, Renata Mioli, Vlamir Aderaldo (SP) Cristiano Rygaard, Yam Gellineaud (RJ) **Coordenadora:** Cristina Pessoa (RJ) **Núcleo Abril de Publicidade Diretor de Publicidade:** Pedro Codognotto **Gerentes de Vendas:** Claudia Prado, Fernando Sabadin **Gerente de Classificados:** Francisco Raymundo Neto **Marketing e Circulação: Diretor de Marketing:** Alexandre Caldini Neto **Assistente de Produto:** Carla Feliçissimo Soares **Gerente de Marketing Publicitário:** Érica Lemos **Promoções e Eventos:** Marina Decânio **Projetos Especiais:** Cristina Ventura, Cristiana Cardoso e Renato Dantas **Processos:** Alberto Martins e Carla Zucas **Gerente de Processos:** Renato Rozanti e Ricardo Carvalho **Gerente de Circulação Avulsas:** Ronaldo Borges Raphael **Gerente de Circulação Assinaturas:** Euvaldo Nadir Lima Júnior **Assinaturas: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor:** Ana Davolos **Diretor de Vendas:** Fernando Costa

Em São Paulo: Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 15º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax: (11) 3037-5638 **Publicidade:** (11) 3037-5000, Central-SP (11) 3037 5759 **Classificados:** 0800-132066, Grande São Paulo 3037-2700. **Escritórios e Representantes de Publicidade no Brasil: Belo Horizonte** – Av. do Contorno, 5.919 - 9º andar - Bairro do Carmo, CEP 30110-100, Vania R. Passolongo, tel.:(31) 3282-0630, fax: (31) 3282-8003 **Blumenau** – R. Florianópolis, 279 - Bairro da Velha, CEP 89036–150, M.Marchi Representações, tel.: (47) 329-3820, Fax: (47) 329-6191 **Brasília** – SCN Q. 01 Bl. C Ed. Brasília Trade Center, 14º andar sl. 1.408 Tel. 315.7554 **Campinas** – R. Conceição, 233 - 26º andar - Cj. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, telefax: (19) 3233-7175 **Curitiba** – Av. Cândido de Abreu, 651 - 12º andar, Centro Cívico - CEP 80530-000, Marlene Hadid, tel.: (41) 352-2426 Fax: (41) 252-7110 **Florianópolis** – R. Manoel Isidoro da Silveira, 610, Sl 107, CEP 88062-060, Comercial Via Lagoa da Conceição, tel.: (48) 232-1617 Fax (48) 232-1782 **Fortaleza** – Av. Desembargador Moreira, 2020, sls 604/605 Aldeota - CEP 60110-002, Midiasolution Repres e Negoc em meios de Comunicação, telefax: (85) 264-3939 **Goiânia** – R. 10, nº 250, Loja 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Representações Ltda, Tels.: 215-3274/3309, telefax: (62) 215-5158 **Joinville** – R. Dona Francisca, 260, Sl 1304, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Projetos Editoriais Mkt e Repres. Ltda, telefax: (47) 433-2725 **Londrina** – R. Manoel Barbosa da Fonseca Filho, 500, Jd. San Fernando, CEP86040-550, Best Seller Repres. Coml. telefax: (43) 325-9649 / 321-4885 **Porto Alegre** – Av. Carlos Gomes, 1155, sl 102, Petrópolis, CEP 90480-004, Ana Lúcia R. Figueira, tel.: (51) 3388-4166, fax: (51) 3332-2477 **Recife** – R. Ernesto de Paula Santos, 187, Sl 1201, Boa Viagem, CEP 51021-330, MultiRevistas Publicidade Ltda, telefax: (81) 3327-1597 **Ribeirão Preto** – R. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermídia Repres. e Publ. S/C Ltda, tel.: (16) 635-9630, telefax: (16) 635-9233 **Rio de Janeiro** – Praia de Botafogo, 501, 1º andar, Botafogo, Centro Empresarial Mourisco, CEP 22250-040, Paulo Renato L. Simões, Pabx: (21)2546-8282, tel.:(21)2546-8100, fax: (21)2546-8201 **Salvador** – Av.Tancredo Neves, 805, Sl 402, Ed.Espaço Empresarial, Pituba, CEP 41820-021, AGMN Consultoria Public. e Representação, telefax: (71) 341-4992 / 4996 / 1765 **Vitória** – Av. Rio Branco, 304, 2º andar, Loja 44, Santa Lúcia, CEP 29055-916, DU'Arte Propaganda e Marketing Ltda, telefax: (27) 3325-3329 **Escritório no Exterior: Portugal - Importação Exclusiva e Comercialização:** Abril-Controljornal-Editora, Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel.: (003511) 416-8700, fax: (003511) 416-8701. **Distribuição:** Deltapress-Sociedade Distribuidora de Publicações, Lda., Capa Rota, Tapada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel.: (003511) 924-9940, fax: (003511) 924-0429

Publicações da Editora Abril Veja: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Vejas Regionais, Tudo **Negócios:** Exame, Exame SP, Você S/A, Meu Dinheiro **Jovem:** Playboy, Capricho **Abril Jr.:** Recreio, Witch, Disney, Heróis, Almanaque Abril, Guia do Estudante **Estilo:** Claudia, Nova, Nova Beleza, Elle, Vip **Turismo e Tecnologia:** Info Quatro Rodas, Superinteressante, Viagem & Turismo, Guias 4 Rodas, National Geographic **Casa e Família:** Casa Claudia, Arquitetura & Construção, Bons Fluidos, Claudia Cozinha, Saúde, Boa Forma **Alto Consumo:** Viva Mais!, Ana Maria, Contigo, Minha Novela, Manequim, Manequim Noiva **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

PLACAR nº 1235 (ISSN 0104-1762), ano 33, é uma publicação da Editora Abril. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: 3990-2112, Demais localidades: 0800-704-2112
Para assinar: Grande São Paulo: 3990-2121, Demais localidades: 0800-701-2828

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 CEP: 02909-900 Freg. do Ó - São Paulo - SP

 ANER

Presidente e Editor: ROBERTO CIVITA
Gabinete da Presidência: JOSÉ AUGUSTO PINTO MOREIRA, MAURIZIO MAURO, THOMAZ SOUTO CORRÊA
Presidente Executivo: MAURIZIO MAURO

Vice-Presidentes: CARLOS R. BERLINCK, CESAR MONTEROSSO, GIANCARLO CIVITA, JOSÉ WILSON ARMANI PASCHOAL, YALTER PASQUINI
www.abril.com.br

Carta ao leitor

SÉRGIO XAVIER FILHO
DIRETOR DE REDAÇÃO

Tesouros no armário

Ele tem 1,80 m, pesa uns 200 quilos, é largo como um armário. Está sempre no cantinho da redação, meio encostadão na parede. Sabe tudo o que aconteceu no futebol brasileiro dos últimos 32 anos e guarda lembranças de todos os ídolos dos nossos clubes. Se fosse um ser humano, mereceria toda a reverência do mundo. O nosso armário das encadernações é o maior patrimônio da PLACAR. Lá estão 1233 edições (fora os especiais) encadernadas em 128 volumes. Vivemos abrindo suas portas, tirando dúvidas ou simplesmente nos deliciando com alguma matéria que tenha marcado. Esse tesouro merecia ser dividido com mais gente. No ano passado, lançamos a "Coleção 13 clubes", contamos em 13 revistas as melhores reportagens de Flamengo, Vasco, Fluminense, Botafogo, Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Santos, Grêmio, Internacional, Cruzeiro, Atlético-MG e Bahia publicadas desde março de 1970. O enfoque nessa primeira série eram as conquistas, as reportagens que contaram os principais títulos dos clubes. Agora atacamos forte nos perfis, os grandes ídolos de cada época.

Nos grandes perfis do São Paulo é preciso dizer que não foi nada fácil selecionar os melhores. Tivemos que deixar de fora ótimos textos, pelo outro lado faltaram ídolos como Cafu e Zetti, que brilharam justamente em uma época que PLACAR publicou poucos perfis. Entre tantas reportagens emocionantes e marcantes, vale destacar duas. O texto escrito por Michel Laurence "Este homem está com raiva" capta um Gérson furioso com a imprensa e com o mundo. "Agora é que eu jogo de cor-de-rosa" mostra um Valdir Peres deixando a sua fase tímida e dizendo até que jogava melhor do que Leão, a estrela da época. Mas tem Müller, Silas, Pita Raí e muitos outros. E, não poderia faltar, Kaká, o ídolo atual, retratado em nossas páginas muito antes de se tornar o craque do time.

Ele viveu o tempo das vacas magras do São Paulo, mas, mesmo assim, brilhou. Técnico, elegante, raçudo, um dos maiores beques que o clube já teve. Um grave problema no coração atrapalhou sua carreira, mas não foi capaz de derrotá-lo.

Dias venceu a morte

ELE ESTEVE ENTRE A VIDA E A MORTE, TRATADO COMO SE FOSSE UM INVÁLIDO. MAS SUA VONTADE DE JOGAR VALEU MAIS QUE TUDO

POR MICHEL LAURENCE

Esse não é mais Roberto Dias, o ídolo de andar bamboleante, que passava pelo saguão do Morumbi e quase fazia os dirigentes e torcedores inclinarem as cabeças num cumprimento respeitoso. Hoje essa figura trabalhada, cuidada, quase desapareceu. Em seu lugar está um homem humilde, que torce os dedos e procura estar sempre com alguma coisa nas mãos para disfarçar o nervosismo com que espera a sua volta. Dias é apenas um jogador, que fica muito alegre quando Gérson passa por ele e pergunta:

— Como é, Dias? Esse tique-taque aí como é que tá?

— Agora está tudo bem, Gérson. Muito obrigado.

(Há dois anos, quando Gérson foi contratado, os jornais anunciavam uma briga entre personalidades: Dias x Gérson. Hoje isso nem passa pela cabeça de Dias.)

Espírito forte

Muita coisa aconteceu com Dias para que ele mudasse tanto. Coisas que realmente baqueiam um homem, mesmo que seu espírito seja forte e preparado para tudo. E Dias estava preparado. Como ele mesmo afirma, é muito mais espiritualista do que materialista. Primeiro foi o afundamento do frontal, num choque com Artime. Depois a morte do filho, de poucos meses. Finalmente problemas entre seus pais, os quais ele não pôde solucionar.

Aí começou a queda de Dias. Para um atleta, bebeu além da conta. O nervosismo que o fazia fumar demais - três maços por dia - acabava em brigas com os companheiros. Uma vez com Jurandir, quase no final do Campeonato Paulista do ano passado. Então a dor apareceu. O fôlego foi sumindo. Até falar ficou difícil.

Quanto mais doía, mais Dias procurava superar a dor, na base do esforço.

— Eu não queria sair do time. O pior é que a dor aumentava a cada jogo. O médico explicou-me depois: o homem tem uma reserva de energia que ele mesmo desconhece e só a utiliza quando está no desespero. Só que, num determinado instante, a dor impedia Dias até de andar. Não se tratava mais de jogar, mas de salvar a vida.

— Dias não sabe, mas o que ele teve é muito grave. Ele só se salvou porque é um atleta. Foi tão grave que até hoje nunca lhe dissemos o que ele teve. Ele diz que foi entupimento das coronárias. Mas foi muito mais sério do que isso. (Dalzel Freire Gaspar, médico do São Paulo)

"Sinceramente, tive medo de morrer, por causa de minha mulher e filhas. Tomei bastante cuidado"

ROBERTO DIAS, SOBRE SEU PROBLEMA NO CORAÇÃO

Roberto Dias parou de jogar. Exames foram feitos sem que o mal fosse diagnosticado. Ele foi encaminhado ao Instituto de Cardiologia do Ibirapuera, para uma consulta com o Dr. Michel Batloni. Imediatamente Dias foi submetido a uma série de testes os mais modernos. O Dr. Batloni não desiludiu Dias de pronto. Apenas disse-lhe que "primeiro cuidaria do homem, e depois se preocuparia com o jogador de futebol". Dias teve que ficar dois meses em casa, sem fazer qualquer esforço. De dia ficava na cama para não se emocionar com as crianças. Levantava-se apenas à noite, quando as filhas já estavam dormindo, apenas para uma caminhada.

— Sinceramente, tive medo de morrer. Não propriamente medo da morte, porque sou espírita, mas por causa de minha mulher e filhas. Fiquei todo o tempo tomando um cuidado danado.

Assim que teve alta do primeiro período, Dias ia todos os dias ao São Paulo, tentando treinar. Para um homem acostumado a treinar, jogar, concentrar-se, a vida que levava o matava aos poucos. O São Paulo lhe deu todo o apoio de que precisava, pagando seus ordenados e até os bichos que o time recebia pelas vitórias e empates no campeonato passado. Os remédios — contas astronômicas — também eram pagos pelo clube. Mas Dias fazia questão de voltar.

Os dirigentes do São Paulo desconversavam, procuravam deixar passar o tempo sem que Dias percebesse. Poucos acreditavam na sua volta.

O apoio: a religião

Dias se desesperou. O único apoio que encontrava era sua religião: o espiritismo. A religião que o tinha avisado de todas as coisas ruins que lhe iam acontecer.

Dias desarmando, sempre na bola. Foi um dos zagueiros mais clássicos que passou pelo Morumbi

— É por isso que faço questão de dizer sempre que eu fui salvo pelo Dr. Michel e por minha religião. É uma questão de fé. A gente acredita ou não. Eu sei apenas de uma coisa: eles me avisaram o que ia acontecer comigo, trabalharam muito para que o Dr. Michel tivesse o espírito tranqüilo para tratar de mim com sabedoria.

Dias foi operado no centro espírita que freqüenta. Deixaram-no trancado num quarto. Depois, sem que ele tirasse a roupa, foi operado, apenas com passes.

Quando voltei, algum tempo depois, avisaram-me que a operação ainda não tinha cicatrizado. Quando me disseram que eu estava curado, fui no dia seguinte ao consultório do Dr. Michel e ele me disse a mesma coisa.

Seis meses depois de diagnosticada a sua doença, Dias estava de volta ao São Paulo, vivendo a vida de um jogador. O médico lhe tinha dado prazo de um ano para ele ficar bom e lhe dizer se poderia voltar ao futebol. Agora, nove meses depois, ele já treina 45 minutos sem sentir nada. Mas, antes, quase desistiu. Chegou a procurar o presidente Henri Aidar, que lhe prometeu um emprego no clube. Dias tinha medo de se afastar do futebol.

— Se eu tivesse 35 anos, teria desistido. Mas, com 27 anos na época e agora com 28, minha mulher e minha mãe me aconselharam a não parar.

Com a solução de seus problemas, surgiu um novo Dias. Um homem humilde, que fala de fé, religião e caridade.

— A gente aprende. Quando tivemos a primeira filha, foi uma festa lá em casa. Mas quando tivemos o menino não foi a mesma novidade, sabe? Eu adorava o menino, mas tivemos a infelicidade de perdê-lo. Quando nasceu a nova menina, a festa foi tão grande quanto a primeira. A gente só aprende a dar valor às coisas depois que as perde. Minha vida tinha sido muito boa até começarem a acontecer certas infelicidades. Eu nunca tinha enfrentado dificuldades.

A boa lição

— Quer ver um exemplo? Quando voltei pela primeira vez ao São Paulo, fui recebido com festa pelos companheiros. Todos demonstraram alegria, mas eu sentia que não era a mesma coisa de antes. O tempo que fiquei afastado parece ter rompido alguma coisa. Eu me sentia desambientado. Foi quando compreendi quanto deve ser difícil para um jogador novo chegar num clube estranho. Para o cobrão não há problemas, mas para o jovem deve ser realmente difícil.

Dentro de vinte dias Roberto Dias vai passar a treinar uma hora. Daqui a um mês ou mês e meio, estará treinando noventa minutos.

Dias voltou a sonhar com a camisa 4 do São Paulo. Sonhar com humildade, sem querer prejudicar ninguém. Com o chaveiro entre as mãos, brincando, a cabeça baixa, os olhos fixos no chão.

Roberto Dias sonha com algo que descobriu ser muito importante para ele: jogar futebol.

— Antes de ficar doente, eu entrava, jogava, treinava, recebia elogios ou vaias sem qualquer motivação maior. Era minha profissão, quase uma rotina. Agora, não sei. No dia em que eu vestir novamente a camisa do São Paulo, sou capaz de chorar como uma criança. Tenho certeza de que, para mim, será mais importante e emocionante do que no dia em que estreei no time titular do São Paulo. Agora sei quanto é importante para mim jogar futebol. Aprendi, amigo. Aprendi minha lição.

Sua chegada no Morumbi foi um divisor de águas. Com o papagaio Gérson, que não tinha papas na língua, o São Paulo voltou a ser grande, voltou a ser vencedor. Ele arrumou mais de uma polêmica no clube, mas perto do que fez em campo, foram coisas irrelevantes.

Este homem está com raiva

POR MICHEL LAURENCE

SEU NOME É GÉRSON DE OLIVEIRA NUNES. ELE ESTÁ SENDO INJUSTIÇADO MESMO?

A ira que suas palavras provocam é maior do que a glória que seus passes conseguem. É a luta contra a antipatia que marcou toda sua carreira. A antipatia de dizer o que quer, o que pensa:

— Dizem que vão me gelar, que não falam mais comigo. Danem-se. Não preciso deles, como não precisam de mim.

Assim é Gérson de Oliveira Nunes, um homem de 30 anos, quase careca. Não lhe permitiram viver por muito tempo a glória da conquista de uma Copa do Mundo, como nunca permitiram, em toda a sua carreira, que por muito tempo se glorificassem seus feitos:

— Eu não sei explicar isso. Se lutar pelos meus direitos e muitas vezes pelos direitos da minha classe é ser antipático, então eu sou antipático. Agora, eu digo uma coisa: trepar aqui nas minhas costas, também, ninguém trepa não!

Desde que Gérson chegou ao São Paulo atribuem-lhe declarações assim: "quero voltar para Niterói, a minha cidade."

— Isso é engraçado. Se perguntam: você se adaptou aqui? Eu respondo o quê? Ao time? Sim. À cidade? Sim. Ao clima? Não. Mas a minha família se ambientou plenamente e é isso que me interessa. Afinal, eu sou um profissional e eu sabia que o clima de São Paulo não iria mudar só porque vim jogar no São Paulo. Então, eles vão para os jornais e rádios dizer que eu quero voltar para o Rio. Que posso fazer?

Gérson brigou com o São Paulo; Gérson não embarca com o São Paulo, não joga contra o Fluminense em Maceió; Gérson é multado e diz que não volta mais a vestir a camisa do São Paulo. Esse foi o último caso entre Gérson e o São Paulo, explorado exaustivamente pelos jornais, rádios e televisões.

— Sobre isso não dou declarações. Encarregaram-se de dá-las por mim. Vai ficar todo mundo boiando. Disseram uma porção de coisas que eu não disse. Lá no Rio uma rádio falou, no ar, que eu havia declarado que não jogaria mais no São Paulo e que o presidente do clube era um moleque. Como fico eu nessa história? Eles me procuraram em casa e eu mandei minha mulher dizer que tinha ido ao Maracanã. Mesmo assim apareceram muitas entrevistas minhas.

"Se lutar pelos meus direitos é ser antipático, então sou. Agora, trepar nas minhas costas, ninguém trepa não!"
GÉRSON

— Vou continuar jogando pelo São Paulo. Outra coisa: andam dizendo que terminado o meu contrato vou embora. Não sei o que têm contra mim. Afinal, se eu quisesse ir embora estaria cometendo algum crime? O São Paulo comprou o meu passe do Botafogo e eu assinei um contrato de dois anos. Depois de cumprir esse contrato com honestidade, o que é que estou fazendo de errado se quiser ir embora? Pode me explicar? Nada. Eu sou um profissional. Mas, olha, vai cair a cara de muita gente, porque vou renovar com o São Paulo por mais dois anos. Claro, isso se o São Paulo tiver interesse.

"O meu direito" — Talvez seja essa a frase que tenha regido a vida de Gérson, que o tenha tornado agressivo e, consequentemente, criticado. Ele foi talvez um dos primeiros jogadores a reclamar seus direitos. Foi assim no Flamengo, onde exigiu uma cláusula no contrato, dizendo que em caso da venda de seu passe receberia 15% do seu valor. O Flamengo não pagou e Gérson levou três anos para receber, assim mesmo metade. Mas era seu direito e ele queria que fosse respeitado.

— O que reclamo, às vezes, é essa falta de respeito. Aqui no Brasil ninguém respeita ninguém. Vou dar um exemplo: outro dia jogamos contra o Botafogo. O Sérgio foi infeliz e falhou em um gol. Nós todos do São Paulo falamos com ele, inclusive eu. Pois bem, teve um locutor, acho que da rádio Nacional, que imediatamente viu no meu gesto uma entregação do goleiro à torcida. Depois disso passou a me chamar das piores coisas, passando da minha vida pública, como jogador, à particular, e a atingir minha moral como homem, até atingir a moral da minha família. O que devo fazer num caso desses? Ir lá e dar-lhe um soco na cara? Não é assim que todos reagem quando são xingados por alguém na rua? Sim, porque eu aceito que me critiquem como jogador (apesar que dá vontade de mandar o cara botar um calção, as chuteiras, e entrar em campo para ver se ele é melhor do que eu). Mas, quando essa crítica passa do campo para a moral de um jogador, já não é mais o crítico ou o jornalista que está falando e, sim, um homem.

Esse é o Gérson que provoca que geralmente não se dobra à vontade de ninguém. Assim é o Gérson que, ao se sentir atingido, revida, reage, se revolta e espalha seu gênio e sua inteligência nas respostas. Esse é o Gérson que muitas vezes é difícil de aceitar. Afinal, quem está acostumado a um jogador que sabe o que quer, como quer e quando quer?

— Ah isso é verdade. Ninguém trepa nas minhas costas. Aqui, ó (faz um gesto mostrando as costas), ninguém sobe. Já tenho um trabalho danado em carregar essa velha carcaça, quanto mais com alguém aí em cima.

Em 66, Gérson foi quase sozinho responsabilizado pela derrota da Seleção na Inglaterra. Ele agüentou. Foi apontado de tudo, ouvia de tudo nas ruas:

— É isso que alguns comentaristas não entendem: atingindo o jogador moralmente, eles não percebem que o povo se sente no direito de agir assim também. Então, é comum um jogador passar na rua e ouvir de um torcedor exatamente as mesmas palavras que o comentarista disse. Isso dói, amigo, dói muito.

É por isso que Gérson não perdoa a imprensa que criticou a Seleção antes da Copa do Mundo.

— Sim, amigo, eles acham que têm o direito de incentivar os torcedores a vaiarem a Seleção e depois, quando a gente ganha, ficarem tranqüilos porque ninguém, na hora da alegria, vai se lembrar que eles não levavam fé. Mas eu não deixo. Faço questão de sempre lembrar que grande parte desses comentaristas fez o povo nos vaiar.

Essa é uma das teorias que Gérson mais defende: muitos dos que falam e escrevem sobre futebol não poderiam fazer isso, porque simplesmente não entendem o bastante de futebol.

— Engraçado. Esses caras que criticam poderiam, de vez em quando, perder um tempinho e olhar o que realmente merece ser olhado. Eles metem o pau na gente, danam de falar mau, mas, quando a gente pára de jogar, eles nos esquecem, ninguém mais se lembra de ninguém. Como não se lembraram de Veludo, que morreu com pneumonia nos dois pulmões; como não se lembram de Ipojucã, que está doente; e como não se lembram de Garrincha, que, se não arrumasse um emprego, estaria muito mal de vida. É por isso, amigo, que eu aproveito, tiro tudo o que posso do futebol agora, nessa faixa entre os dezoito e 33 anos, porque quem não aproveita fica mal, esquecido, arrasado.

Esse é o Gérson que se revolta com a pobreza de sua classe. Esse é o Gérson que poucos conhecem, ou não querem aceitar. Assim é o Gérson que merece respeito, consideração, amizade. É desse Gérson que não consigo esquecer, correndo pelo campo do Estádio Azteca, segurando um crucifixo por baixo da camisa, chorando a sua redenção para o mundo inteiro, depois de marcar o segundo gol na final contra a Itália. É esse Gérson que merece respeito, que merece, finalmente, um pouco de paz. ●

Gérson, com a bola. Na verdade, ele nem precisava olhar para ela. Tudo o que ele imaginava, ela obedecia

SEBASTIÃO MARINHO

Cerebral, genial, craque. Todos esses adjetivos cabem no uruguaio Pedro Rocha. Mas a vida dele no São Paulo não foi sempre tranqüila. No início, foi até boicotado pelos companheiros. Rocha superou tudo isso e reinou longos oito anos no Morumbi.

Pedro Rocha
El sabotado

NINGUÉM O AJUDA EM CAMPO. NÃO LHE PASSAM A BOLA E NEM LHE DEIXAM ESPAÇO PARA JOGAR

POR PAULO MATTIUSSI

Estranho o comportamento deste homem alto, elegante, uruguaio, recém-chegado ao Brasil.

— Posso ir para a reserva, mas nunca iria falar mal dos meus companheiros. Isso não é correto, é deslealdade.

E dentro do campo ele se sente só, quase tanto quanto no ambiente do São Paulo, onde tem apenas um amigo (os outros são companheiros, bons ou maus): Forlan, gringo como ele.

Não adianta correr nos espaços livres, pedir a bola. Não adianta tentar as tabelas, jogar direito.

Sua história começa antes mesmo de entrar em campo. Apenas uma vez em cinco meses de São Paulo ele conseguiu jogar na sua real posição: meia armador, sem muitas preocupações defensivas. Saindo do meio-de-campo para o ataque, chutando a gol de longe.

Foi contra o Juventus, quando Gérson estava suspenso. O São Paulo ganhou de 3 x 1 e Pedro Rocha deixou o time tranqüilo e agressivo. Depois Gérson voltou, e ele ficou sem posição definida.

Gérson:

— Olha, o problema é o seguinte: o Rocha é um bom jogador de meio-de-campo e o São Paulo já tem um bom meio-de-campo montado.

Quando o São Paulo jogou com o Paulista, uma semana depois, Rocha entrou em campo para jogar na frente e Toninho na ponta-direita, como fez algumas vezes no Santos. No jogo Toninho ficou no meio e Rocha esquecido na direita, sem bola ou futebol. Rocha pediu para sair, disse ao técnico Brandão que estava se sentindo mal. Foi embora antes mesmo de o jogo terminar.

Toninho:

— Pedro Rocha é um dos maiores jogadores que eu já vi atuar em campo. Mas nós não podemos jogar juntos no meio. Temos características iguais e por isso embolamos.

"Pedro Nadie"

Jurandir costuma cantar, sempre que Pedro Rocha passa:

— Pedro Rocha, Pedro Nadie, Pedro Pedro.

Rocha ri, não liga. Isso é uma brincadeira e ele sabe disso. Como sabe que está perdendo este incerto lugar no time.

— Não sei o que fazer sem estar na minha posição. Se volto para buscar jogo, o meio-de-campo fica complicado. Se fico

MANOEL MOTTA

"Posso ir para a reserva, mas nunca iria falar mal dos meus companheiros. Isso não é correto, é deslealdade"
PEDRO ROCHA

lá na frente não tenho espaço para jogar e atrapalho os outros. Ou nem recebo bolas. Se vou para a ponta, nem jogo mais. Então só tenho um caminho: pedir para sair, pelo bem do time.

A solução que ele mostra é dita sem mágoa, sem máscara:

— Meu lugar, meu jogo, é ficar mais atrás. Faz tempo que não sou reserva mas eu vou para ela sem acusar ninguém. Não vou acusar ninguém de não me entender ou de não me dar bolas.

Quando Brandão dirigiu o Peñarol, lá no Uruguai, viu Rocha fazer o meio-de-campo da Seleção com Montero Castillo e Maneiro. Rocha armava as jogadas, distribuía jogo para todo o ataque. E, de repente, aparecia na área cabeceando, aparecia chutando e fazendo gols.

Numa quarta-feira Brandão fez um treino especial. Édson passou para a quarta zaga e Pedro Rocha fez o meio-de-campo com Gérson. O treino não foi ótimo, nem satisfez a ninguém.

Forlan, seu amigo e conhecedor antigo de seu futebol, sabe onde Rocha deve ficar no campo.

— Ele precisa de espaço. Não pode ficar na frente à espera dos lançamentos. Ele tem que voltar, ir atacar com a bola dominada, e podendo chutar de longe, aqueles chutes maravilhosos de fora da área, ou tabelar com os atacantes. Ou, ainda, lançá-los em profundidade.

No São Paulo ele não consegue fazer nada disso.

— Tenho que ficar na frente, esperando a bola que não vem ou chega mal, quando estou marcado. Parece que estou com a linha de fundo no bico da minha chuteira e a linha da área no meu calcanhar, ou seja, sem espaço. É muito difícil ver Pedro Rocha fazer a sua jogada preferida: chutar de fora, para desmoralizar goleiros.

— Muitos gols eu fiz assim. Agora estou até desistindo de tentá-los. As faltas quem bate é o Gérson, eu tenho que ficar na frente, deslocando, para ver se recebo a bola. Antes do jogo com o Paulista de Jundiaí, Brandão estava contente. Tinha achado a solução.

Toninho na direita, como um verdadeiro ponta, e Rocha pelo meio, como fazia no Peñarol, armando as jogadas com o Édson e com o Gérson, arrumando tudo para as finalizações do Téia. Não deu certo. Toninho não ficou mesmo na direita. Nem nos treinos. E quando Rocha tenta fazer jogo com Toninho, não recebe a bola de volta.

Toninho:

— Como lançar o Rocha? Ele não tem pique. Também não posso ir jogar na ponta, nem sei bater escanteios. Ir jogar na ponta é estar perto do banco.

A única defesa

De vez em quando Rocha se defende, para justificar que não é sua culpa a confusão do jogo do São Paulo.

— Está faltando aos jogadores uma melhor compreensão tática. O Paraná e o Toninho não sabem, ou não compreendem, a verdadeira função e posição tática dentro do campo. E o jogo se confunde.

Rocha aceita até a reserva. Mas avisa que seu temperamento é de disputar o lugar, de brigar na posição onde já foi ídolo, onde já foi rei.

— Quando o Brandão fala comigo sobre os jogadores eu procuro não falar muito. Acho que meu futebol vencerá e não as minhas críticas. O técnico é quem resolve, não eu.

Qual a solução para tudo isso? A de Gérson?

— É Terto na frente, e eu lançando.

Ou a do técnico Brandão?

— É Toninho na direita, como um ponta, sem manhas ou jogo clássico. Isto quem tem que fazer é o Rocha.

Ele trouxe um pouco da raça uruguaia ao São Paulo e caiu como uma luva no time. Odiado pelos adversários, que o chamavam de violento, amado pela torcida, que admirava seu estilo, Forlan veio para tirar o tricolor da fila e foi peça fundamental no bicampeonato paulista de 1970/71.

Até a morte

PARA PABLO JUSTO FORLAN, UM JOGO DE FUTEBOL É UMA COISA DEFINITIVA. PARA VENCÊ-LO, ELE É CAPAZ DE TUDO EM CAMPO

POR MICHEL LAURENCE

"Mira, não gosto de perder nem de brincadeira. Futebol pra mim é jogado até a morte. Não sei explicar, é um negócio que corre aqui, dentro de mim. E tenho um grande amor pelo futebol desde pequeno, desde ver o meu pai jogar contra o pai do Rocha. Talvez seja porque só deixo de ser um cara inibido quando jogo futebol."

Os cabelos compridos talvez sejam o único detalhe rompendo a timidez que o cerca fora do campo. Pablo Forlan não é forte, nem fraco. Tem os ombros caídos para a frente. O sorriso é difícil e quase sempre retraído. Nada em sua figura pode denunciar, nem de perto, a gana, a garra do demônio em que se transforma dentro das quatro linhas.

Ele é driblável, mas imbatível, porque quem o driblou ainda não o venceu. Forlan volta sempre. Pablo ganha partidas. Seu centro, no segundo pau, é preciso; o passe, certo e ofensivo; o chute, forte e colocado. No fim de qualquer jogo sua camisa está ensopada, seu cabelo longo molhado e grudado ao rosto e à nuca. A garra, de quem nunca foi reserva, está estampada no rosto:

Posando, com a faixa do tricampeonato paulista, que acabou não vindo: não por culpa dele

— Mira, não gosto de perder nem jogando pebolim (totó). Futebol para mim é jogado até a morte. Não sei explicar: é um negócio que corre aqui, por dentro de mim.

Forlan parece crescer quando a dificuldade que enfrenta é maior. Nas piores situações sua valentia se manifesta. Foi assim na decisão contra o Palmeiras, assim no jogo contra o Botafogo, nas finais do Nacional, e mais ainda quando o São Paulo contratou os três jogadores da Ponte Preta: Teodoro, Samuel e Nélson, o último para a lateral-direita. Alguns estavam insatisfeitos com Forlan. Foi o bastante: Nélson nunca jogou como titular.

— Não é bem assim. A vinda do Nélson, que é bom jogador, coincidiu com o crescimento do time. Quando um ou dois jogadores apenas estão bem, não adianta muito, mas quando são cinco ou seis que aumentam de rendimento, então todo o time é beneficiado. Foi por isso que eu melhorei na época em que o Nélson chegou.

Isso pode ser verdade, mas não coincide absolutamente com o passado de Forlan. Do Bristol, de Mercedez, sua terra natal, ao Peñarol, de Montevidéu, Forlan passou direto como titular. No Peñarol ficou apenas alguns meses na divisão inferior. Mas, assim que Edgardo Gonzalez ("um dos maiores que já vi jogar") quebrou a perna, entrou em seu lugar e nunca mais saiu.

Titular

Em tudo o que Forlan faz transparece a sua vontade. A vontade que se transforma em garra. Quando começou, ele jogava de médio apoiador ou meia. Era um jogador pouco acostumado à marcação rígida, homem a homem. Ele preferia apurar seu toque de bola, seu chute. Mas, quando o técnico do Peñarol precisou de alguém para substituir Caetano, contundido, pediu a Forlan, que foi lá na lateral esquerda e cumpriu o seu papel. Quando precisou de um lateral direito entrou Forlan. De tanta vontade de acertar, essa acabou sendo a posição definitiva de Pablo Forlan. Nessa posição era ídolo e diabo para a torcida de Montevidéu. Nessa posição chegou a campeão do mundo pelo Peñarol. Nela é bicampeão paulista. Isso suplantando defeitos, ganhando de suas deficiências inatas:

— Eu sei que não sou um grande marcador, me falta pique, minha corrida demora a se desenvolver. Depois do arranque alcanço boa velocidade, mas sou fraco no arranque e por isso sou batido algumas vezes. Se ainda marcasse grudado teria maior eficiência, como quando marquei Cubillas *(aquele uruguaio que fez o gol contra o Brasil, na Copa)*. Osvaldo Brandão me pediu para marcar o Cubillas grudado. Ele foi substituído. Mas o futebol moderno não permite mais esse tipo de marcação. O lateral hoje tem que jogar no campo inteiro, tem que ser útil.

As derrotas não fazem parte da vida de Pablo Forlan. Quando acontecem, ele as rumina durante semanas, meses se for preciso. A derrota de Avallaneda, contra o Independiente, ainda não foi aceita:

— Para nós, uruguaios, ganhar dos argentinos é uma questão de honra. Uruguaio e argentino é mais ou menos como cariocas e paulistas aqui. Quando jogam é para ganhar. Depois de muito pensar,

LEMYR MARTINS

Controlando a bola: o forte de Forlan, além da luta incessante, era o chute fortíssimo de pé direito

acho que perdemos aquele jogo porque não marcamos o Pastoriza. Naquele campinho a gente não podia deixar Pastoriza jogar à vontade. Eles marcaram Édson e Pedro Rocha e ganharam.

No íntimo, Pablo Forlan acha que se o São Paulo tivesse partido para a briga teria ganho o jogo. Era, naquele momento, a única atitude a ser tomada.

— Nós, os uruguaios, temos fama na América Latina de sermos brigões, e somos mesmo. Quando jogam Peñarol e Nacional é fogo, quase todos acabam em briga. Dizem que se o uruguaio não ganha na bola, ganha na briga, e é verdade. Mas há hora em que tem de ser assim. Lá dentro me transformo em um amador, palavra. Luto pela camisa que defendo, não penso em nada, a não ser na vitória.

Se não fosse a sua profissão, Forlan seria jogador de pelada, seria de qualquer coisa ou qualquer jeito, porque não consegue viver longe de uma bola. Em seus tempos de Peñarol não foram poucas as vezes em que subiu na boléia de um caminhão para acompanhar seus amigos em um joguinho.

— Futebol é tudo para mim. Meu pai foi jogador e era da seleção de Mercedez que enfrentava a seleção do pai do Pedro Rocha. Vivo em futebol, tenho amor ao futebol desde pequeno e talvez seja a única coisa em que realmente sou desinibido.

Sempre titular

Essa é a pura verdade. Bastou acabar o jogo para Pablo Forlan passar despercebido. O que ele tem de vibrante dentro do campo, de desinibição em correr para a torcida para festejar um gol, tem de acanhado dentro do vestiário. Quase sempre está sozinho.

— Não sou um homem expansivo. Na maioria das vezes não sei fazer uma amizade rápida e por isso nem sempre a imprensa me procura. Trato todo mundo bem e sou bem tratado, mas acho que é um problema de comunicação.

A sua outra distração eram os carros, mas somente enquanto esteve em Montevidéu. Trocava de carro de seis em seis meses, marcas famosas. Aqui no Brasil abandonou esse hábito.

— Aqui essa mania me custaria um bocado caro.

De qualquer maneira, esse homem que revive dentro do campo as grandes figuras do futebol uruguaio por sua gana, sua vontade de vencer, não quer mais sair do Brasil.

"Nós, uruguaios, temos fama de sermos brigões; e somos mesmo. Dizem que, se não ganhamos na bola, ganhamos na briga; e é verdade"

FORLAN

— Sabe, o futebol aqui é mais de toque, lá é de luta. Mas é aqui que estou me sentindo bem. É aqui que quero terminar a minha carreira. Falta muito ainda, só tenho 26 anos, mas quero que seja aqui.

Lá vai Pablo Forlan, que a torcida do São Paulo aprendeu a admirar. Mas esse é diferente: — Esse é Forlan, mas é muito pacato!

Na memória da maioria dos torcedores está o pênalti perdido na decisão da Taça Libertadores. Injustiça. Zé Carlos, o motorzinho, que depois de velho virou Serrão, fez muito pelo São Paulo. Quando ele não podia jogar, todo o time sentia.

A VOLTA DE ZÉ CARLOS É UM ALÍVIO PARA POY. COM ELE, O SÃO PAULO CORRERÁ MAIS

POR JOSÉ MARIA DE AQUINO

Uma jogada de fôlego

Zé Carlos, vibrando com mais um gol. O motorzinho depois virou até treinador do São Paulo

Nos últimos três meses, desde o final do Campeonato Paulista e início do Brasileiro, o time do São Paulo, campeão, caía de produção a cada nova partida, ganhava e empatava jogos na tangente, perdia pontos impossíveis, assustava e afastava dos estádios sua já inconstante torcida. Muitos andaram indagando quais seriam os verdadeiros motivos, entendidos faziam longas e profundas dissertações sobre táticas, esquemas, viagens e contratações — até parar na queda de produção de Pedro Rocha. E só alguns, entre eles o técnico José Poy e o próprio Pedro Rocha, sabiam direitinho o que de mais importante estava faltando. Quase todos os dias Poy encostava-se no médico Dalzell Freire Gaspar e fazia a mesma pergunta em tom quase aflito:

— Doutor, quando é que o senhor vai me entregar o menino? Eu estou precisando dele, o time todo está sentindo sua falta.

O menino é Zé Carlos, o falso ponta-esquerda descoberto por acaso, lançado pela necessidade e confirmado por muitos méritos que sua ausência serviu para comprovar. Mais que um simples ponta com liberdade para correr o campo inteiro, muito mais do que um jogador obediente que aceitou o pedido do técnico para correr fora da sua verdadeira posição, Zé Carlos deve ser visto como um perfeito preenchedor de vazios, o companheiro sempre em condições de socorrer o outro, o fôlego que dá a Pedro Rocha totais possibilidades de parar, pensar e organizar as jogadas, o chato que nunca desiste de roubar uma bola em poder do adversário, um sossego para todos os setores do time.

Sou muito útil

— Eu sempre considerei o Zé Carlos um grande jogador, inteligente, esforçado, batalhador, seguro. Mas nunca cheguei a pensar que realmente ele fizesse tanta falta ao time. Ele é uma maquininha, uma espécie de beija-flor, de formiguinha que perturba os outros, que dá descanso aos companheiros e que às vezes ainda encontra jeito de fazer seus golzinhos. Já

cheguei a pensar que ele era um pouco dispersivo, mas era uma bobagem. Acho que sua ausência justifica muito essa fase irregular que estamos passando. Além do cansaço natural depois da disputa dura do título paulista, sua saída foi bem sentida. Sérgio Américo é um bom jogador, mas o time estava bem mais acostumado com a movimentação do Zé, que é bem diferente.

— Bom, eu sou meio suspeito para falar dessas coisas. Mas acho que, depois do que fiz e vi no Paulista e do que estou vendo no Brasileiro, sou um jogador muito útil ao São Paulo. Antes eu já confiava no meu futebol, mas como nunca tinha ficado tanto tempo de fora — quase três meses — não podia avaliar direitinho. Foi muito gostoso perceber que a turma estava contente quando apareci com a maletinha que uso nos dias de concentração, na semana passada, antes do jogo contra o Internacional. Senti uma sensação de utilidade. Ninguém disse nada para mim, mas eu senti que me queriam ver jogando de novo.

Pura verdade. Tanto que uma boa parte do público presente estava ali contando com sua volta. Tanto que o técnico Rubens Minelli, sabendo de sua importância dentro do esquema do São Paulo e do quanto é capaz de mudar os rumos de uma partida, de criar opções de jogo, de aumentar o ritmo, tentou de todas as formas, usando amigos e conhecidos, descobrir se ele seria escalado desde o início do jogo ou se seria guardado para o segundo tempo, quando, então, a defesa do Inter já estaria pregada.

Zé Carlos entrou só no segundo tempo, sentiu a ausência de campo durante os dez primeiros minutos e, depois, mesmo sem render todo aquele futebol que ajudou muito na conquista do título paulista, fez mais do que o suficiente para provar sua importância dentro de um time que joga sempre acima do limite.

— O time com o Zé Carlos é outra coisa. Tem outra movimentação, cria, inventa, deixa o adversário louco — repetiam torcedores eufóricos com sua volta e com a melhora percebida no segundo tempo contra o Internacional.

Não que nesse jogo Sérgio Américo, seu substituto, tivesse jogado mal. Mas é que ele, depois de um início muito bom, entrando no time desde os primeiros jogos do Brasileiro, foi sentindo dificuldades de acompanhar a movimentação de Chicão e Murici, de fornecer fôlego a Pedro Rocha e de ser o jogador presente. Sérgio Américo tem dificuldade em trabalhar com o pé direito, não sai muito para o outro lado do campo e trabalha mais numa faixa de terreno entre a sua intermediária e a linha de fundo, sempre pelo lado esquerdo, perto da lateral.

Prefiro o Rocha

— Essa movimentação, eu acho, dificulta para o Murici cair para a ponta esquerda, tentando levar seu marcador. Quando eu jogo, o quadrado formado por mim, Pedro, Chicão e Murici parece mais eficiente. O Chicão andou fazendo seus gols, indo tranqüilo para o ataque porque sabia que eu voltava para cobrir sua posição. E o Serginho também sentia mais facilidade em cair pela esquerda, por onde entra melhor. Honestamente, eu também acho que o time sentiu a minha falta neste período.

Sem máscara, Zé Carlos acha que o time sentiu também a falta dos outros. Caiu quando Murici e Chicão precisaram ficar de fora algumas partidas e ainda está sentindo a má fase por que passa o uruguaio Pedro Rocha.

— Mas eu não acho que é o Rocha quem está ditando a produção do time. Eu acho que a má fase (e mesmo assim a gente vai se mantendo na briga) é conseqüência do desgaste tido com o Campeonato e porque já não estamos dando sorte como antes, quando a bola batia na canela e entrava. O Rocha caiu como o resto do time, que fez muitos jogos e que não tem muitos reservas. No duro, no duro, o São Paulo disputou três títulos para ganhar apenas um. O primeiro turno, o segundo e aquelas finais. Todos falam mais do Rocha porque ele, como tem mais nome do que os outros, também foi o mais elogiado na fase boa. Agora, como tudo está dando o contrário, está sobrando para ele também. Ninguém joga sozinho. Na boa ele foi o vice-artilheiro do time. Mas eu ainda prefiro jogar ao lado dele. Ele me orienta muito.

E sem as preocupações que andou sentindo nos primeiros dias depois da operação, achando que podia perder a posição para Sérgio Américo, e já sem os problemas psicológicos que andaram freando seu ritmo na última fase do Campeonato Paulista, quando já sabia da operação mas precisava continuar jogando, Zé Carlos também já não está tão certo de que o melhor para ele seria voltar a sua antiga posição e disputar a vez com Murici.

— Não que não dê para ganhar dele. Mas é que o time fica muito bom aproveitando o futebol de nós dois. Ele sabe jogar e eu já não me sinto deslocado, um tapa-buraco. Tenho total liberdade de correr por todos os lados, sei que isso só beneficia o time e o negócio é isso aí.

Ainda não está dando para Zé Carlos jogar 90 minutos com todo o fôlego que costuma dar ao time, mas ele e o médico Dalzell Freire Gaspar garantem que sua perna operada está mais firme do que nunca. Bem mais segura — embora mais fina — do que antes de tirarem o corpo

MANOEL MOTTA

"Eu sou meio suspeito para falar dessas coisas. Mas depois do que fiz e vi, acho que sou um jogador muito útil ao São Paulo"
ZÉ CARLOS

livre que atrapalhava a articulação do joelho direito. Isso, Zé Carlos sentiu nos dois coletivos que fez antes de voltar contra o Internacional e no amistoso em Avaré, quando Dalzell deu a notícia que alegrou a todos:

— Garoto, terça-feira você pode aparecer trazendo aquela maletinha de concentração porque vamos fazer uma boa surpresa ao Poy. Ele não vai mais me perguntar quando você será liberado.

Zé Carlos cumpriu as ordens do médico, apareceu sorridente para a concentração, mas Poy não lhe disse nada. Nem precisava. Durante o treino de recreação lhe tinha entregue a camisa de titular. ○

LEMYR MARTINS

Sinônimo de raça e valentia, Chicão, às vezes, até exagerava. Quem não se lembra da decisão do Brasileiro de 1977, quando o São Paulo bateu o favorito Atlético, no Mineirão? O atleticano Ângelo saiu com a perna quebrada. O são-paulino Chicão saiu com a faixa de campeão.

Muito Chicão e pouco Francisco

TAMANHO PODE NÃO SER DOCUMENTO, MAS PARA CHICÃO ACABA SENDO. ALI, NO MEIO-CAMPO, É ELE QUEM MANDA – NA BOLA OU NA LUTA POR J.A.

JOSÉ PINTO

Chicão: cinco anos de sangue pelo tricolor

Não vi Chicão jogar muitas vezes, eu que chego há pouco do Rio. Talvez por isso jamais tenha conseguido tirar da cabeça uma estranha imagem: com esse apelido, com o seu futebol violento tão apregoado, Chicão volta e meia surgia-me como um negro forte, altíssimo, devidamente desfalcado, no sorriso e na gargalhada, dos dois centroavantes — cientificamente conhecidos por dentes incisivos.

Aquela imagem do crioulão mantinha-se teimosamente, enquanto a Kombi — ou perua, como queiram — se esforçava para subir a ladeira íngreme da rua Caiowaá, no bairro do Sumaré. Enfim, paramos em frente ao prédio 1 297, um edifício novo, bem cuidado, de sóbria arquitetura; sem luxo.

Na porta, o goleiro Valdir Peres, outro morador ilustre, batia um papo com dois vizinhos. Perguntei se o Chicão estava em casa. Estava. Pedi que Valdir subisse comigo. Tudo bem. No elevador, o goleiro parecia animado e um tanto excitado com a presença de PLACAR.

— Puxa, o pessoal ainda está me gozando por causa daquela matéria que saiu a meu respeito. Todo mundo fica perguntando quando eu vou estrear a camisa cor-de-rosa. Pode dizer lá na revista, que vou vesti-la no Campeonato Brasileiro. Valdir falou outras coisas, mas não pude prestar muita atenção. Pensava no Chicão. Toda uma imagem de violência parecia prestes a explodir à minha frente, tão logo a porta do apartamento 43 se abrisse. Eu estava evidentemente sugestionado pelo pouco que vi e pelo muito que ouvi a respeito do meia do São Paulo. Jurava que iria encontrar um sujeito grosso, mal-educado até. Resumindo tudo: eu me sentia muito mais um desafiante ao título do que um repórter.

Primeiro round

O meu adversário estava dormindo. Valdir Peres, mesmo assim, foi entrando e oferecendo uma cadeira: "Vai ficando à vontade. Aqui todo mundo é de casa". Abaixei um pouco a guarda.

— Chico, acorda. Tem um cara da PLACAR querendo bater um papo contigo.

Ouvi um "já vou" dito com insuspeita suavidade. Sentei-me no canto do ringue — perdão, da sala — e aguardei os três minutos regulamentares. Enfim, surge o bichão: descalço e mancando, um dos tornozelos enfaixado. Um considerável handicap.

Não era mesmo o Chicão que eu imaginara. Aparência tranqüila, fala macia, olhar tímido, embora firme. Confesso uma certa decepção naquele instante. No fundo, eu estava realmente ansioso para penetrar, mesmo que fosse na base da violência, na violência de Chicão.

Ele sequer esboçou uma reação, nem mesmo uma ponta de irritação quando toquei no assunto. Uma calma fora do comum. Jeitão simplório, bem próprio dos que mantêm muito ainda da maneira de ser de homem do interior. Ali estava meu suposto adversário, guarda aberta, sorriso franco, sem medo de oferecer as cervejas esplendidamente geladas que mantinha para servir aos amigos e à própria sede.

Segundo round

A entrevista acabou em bate-papo, o que eventualmente é bom. Em nenhum instante me pareceu que mentia ou tratava de dar voltas. A seu lado, ouvindo muito e falando pouco, Márcia, sua mulher. Num bercinho, junto ao sofá, Ariane, filha única do casal, seis meses, absolutamente fascinada pelas lâmpadas do teto. Chicão toma-a no colo com o maior cuidado: "Tá vendo?, tão dizendo por aí que teu pai mete o pé".

A conversa terminou. Apesar de todo este panorama, ainda restava uma pontinha de desconfiança no repórter. Sei lá! Aquele ambiente familiar...

Fora dali, poderia ser diferente. Dia seguinte, lá estava eu no Morumbi. Diante do imenso portão, Chicão, Pedro Rocha, e Piau. Um menino se aproxima, caderninho e caneta em punho e pede os autógrafos de Chicão e Rocha. Piau vai estendendo a mão, mas o garoto já ia virando as costas para o jogador que vem curtindo uma longa reserva. Chicão pega no braço do pequeno fã e, tentando disfarçar, deixa-o frente à frente com Piau. "Tá bobeando, rapaz, esse é o Piau".

É, não tinha jeito mesmo. Mas até que foi bom assim. Afinal, todos conhecem o Chicão, poucos sabem da existência do Francisco Jesuíno. E posso garantir, conhecendo, fica difícil não gostar do Francisco. Sobre o Chicão, nunca joguei contra ele e espero não ter de encontrá-lo um dia num campo de futebol.

Chicão vem por baixo, com saúde, e atropela Zico, num Flamengo x São Paulo: atacante nenhum tinha vida mansa com ele

Folclórico, catimbeiro. Capaz de defesas milagrosas e, de vez em quando, alguns frangos estranhos. Quando acontecia, em vez de abaixar a cabeça, Valdir sorria, debochando dele mesmo. Ficou para a história. É o jogador que mais vezes vestiu a camisa do São Paulo em todos os tempos.

Agora é que eu jogo mesmo de cor-de rosa

POR CARLOS MARANHÃO

EXIBICIONISMO? TALVEZ. MAS LIVRE DA TIMIDEZ QUE SEMPRE O PERSEGUIU, ELE VAI ENTRAR NA SUA. COLORIDO, PRETENDE CONTINUAR A FECHAR O GOL NUMA DE DAR MAIS VIDA ÀS SUAS BOAS DEFESAS

Há dois anos, quando chegou da Ponte Preta, Valdir Peres Arruda era uma promessa de bom goleiro e um rapaz cheio de timidez, assustado com a cidade grande. Ao conversar, parecia não saber onde colocar as mãos.

Um ano e meio atrás, barrou Sérgio — o santo do Morumbi — e tornou-se titular absoluto do time. Continuou o mesmo tipo caladão, solitário.

Cinco meses depois, cortados Félix e Wendell, juntou-se à Seleção na Alemanha como o terceiro goleiro. Leão e Renato mal o cumprimentavam. O técnico Zagalo só chegou a conversar com ele a bordo do DC-10 que se preparava para aterrissar no no Galeão, no Rio, já de volta.

No início deste ano, seu treinador José Poy veio a público para afirmar que, sem dúvida, ele era o melhor goleiro do Brasil. Quando eventualmente o criticavam, por uma ou outra falha ocasional, Poy abria os braços para responder que não tinha condições de chamar a atenção de quem, em jogos e mais jogos, praticamente carregava a equipe nas costas.

Nada era suficiente para que se tornasse menos introvertido, para que num bate-papo informal fosse capaz de admitir suas próprias qualidades.

Poeta inédito

Os hábitos permanecem. Não aumentaram os amigos. Mora sozinho num apartamento no bairro do Sumaré. Recebe raras visitas. Passa as tardes escrevendo longas cartas para destinatários que não revela e compondo poemas que jamais mostrará a alguém. Fuma um, dois cigarros por dia. Sem tragar. Gosta de cerveja. A barba, só a raspa uma vez por semana, na concentração, aos domingos pela manhã. Não namora e se atormenta com a idéia de que as meninas venham a procurá-lo somente por ser um goleiro famoso, um campeão.

Apesar de todos os cuidados, acentua-se uma calvície alarmante. Se está de folga e sente necessidade de companhia, aparece na pensão em que morava ou, ali perto, vai tomar um cafezinho na casa de sua lavadeira, a tia Dila — as paredes cobertas com seus retratos.

LEMYR MARTINS

"Sou melhor do que o Leão física e tecnicamente. Meu corpo é mais adequado. Não tenho tendência para engordar"

VALDIR PERES, AINDA COM CABELOS LONGOS

E no entanto Valdir está mudando. Não que tenha perdido a modéstia, a discrição e um certo acanhamento. É que ele amadureceu. Longe de se julgar um goleiro perfeito e infalível, passou a acreditar no próprio valor. Além disso, entendeu que a glória pode ser passageira, devendo ser logo aproveitada, pois afinal o torcedor tem memória curta.

— Quem é melhor: você ou o Leão?

Em abril, Valdir Peres ficava ligeiramente encabulado para responder.

— O Leão, né? Ele leva vantagem.

Atualmente, reage à pergunta de outra maneira. Fala com firmeza, convicção.

— Sou melhor do que ele fisicamente. Tecnicamente, também. Meu corpo é mais adequado para a posição. E não tenho tendência para engordar. O Leão continua ganhando em experiência internacional. Esteve em duas Copas. Eu, na Alemanha, participei de um único coletivo. Mas acho que poderei jogar na Argentina.

No último jogo entre São Paulo e Palmeiras, os dois encontraram-se no Morumbi. Trocaram algumas palavras.

— O Leão me disse que estava para renovar por 35 000 por mês. Bom saber.

De fato. Nesta quarta-feira, dia 27, termina o contrato de Valdir Peres. Por enquanto, recebe 5 000 mensais. E – com toda justiça — vai pedir alto.

Quanto? Prefere ainda não divulgar, para não atrapalhar as negociações. Em torno do salário do Leão, quem sabe? Ele sorri, matreiro, e comenta:

— Sei que mereço muito mais. Até aqui, joguei por uma miséria. Chegou a hora de acertar minha vida. Se não, nunca mais.

Valdir Peres, orientando a barreira: foram dez anos defendendo com eficiência o gol são-paulino

Quanto a isso, está tranqüilo como ao se iniciar a cobrança de pênaltis que terminou por decidir o Campeonato Paulista, domingo retrasado. Amontoados no círculo central, os jogadores do São Paulo e da Portuguesa rezavam e faziam figa. Quem tivesse mais calma e categoria iria ficar com o título da temporada. Rocha bateu o primeiro: gol. Dicá encaminhou-se para a marca e Valdir foi atrás dele. Passou a mão no seu ombro, afagou-o com malícia e tratou de enervá-lo.

— Ih, Dicá, não adianta. Eu conheço você da Ponte. Sei onde você vai chutar.

Dicá chuta, Valdir defende. Serginho faz 2 x 0. É a vez de Wilsinho, que treme de aflição. A catimba dava certo.

Wilsinho, como você está nervoso! — e deu um tapa na sua nádega. —Sequei o Dicá só de tocar nele. Vai ser um vexame, na frente da portuguesada. Você vai errar.

E errou. A bola foi para fora. O goleiro deu dois socos no ar. O título estava quase ganho. Em seguida, Chicão converte. São Paulo, 3 x 0. Bastaria Tatá não marcar para o São Paulo ser campeão. Escaldado, o centroavante da Portuguesa foge do abraço de Valdir. Mas acaba ouvindo.

— Coitadinho, vai errar também. E aí, babau! Vocês perdem o campeonato.

Valdir atira-se e defende. Tatá solta um palavrão e, depois, faz questão de cumprimentá-lo. O São Paulo é campeão. Em todo o estádio, gritam seu nome em coro.

A dura realidade

No dia seguinte, mais sossegado e sem qualquer sinal de ressaca, ele lembrava bem-humorado seus diálogos com os atacantes da Portuguesa.

— Tive a idéia na hora. Naquele momento, quem catimbasse melhor levaria uma tremenda vantagem.

Perto dele, empilhados, os jornais da manhã. Um atribuía o título à sua atuação; outro publicava sua foto em página inteira. Apesar de tudo, não se iludia.

— Hoje, na cidade, devo mesmo ser o cara mais falado. Mas por quanto tempo? O importante é que lembrem disso agora, quando eu renovar meu contrato.

Talvez o Fantástico influa bastante na nossa cotação. Domingo à noite, eles apresentam para o Brasil inteiro os gols mais importantes do fim de semana. Os artilheiros saem consagrados, porque aparecem quando estão marcando.

— Mesmo que joguem mal, quem não foi ao estádio não fica sabendo: o telespectador vê é o gol. E todos viram craques. Conosco, ocorre o inverso. Um de nós fecha o gol, mas a TV não mostra as grandes defesas. A gente só entra no ar quando leva gol. Esse negócio é injusto.

Rosa-choque

Em todo caso, Valdir Peres dificilmente é personagem do programa. Para reparar o esquecimento, a Globo poderia homenageá-lo, a cores, numa das próximas partidas do São Paulo no Brasileiro, quando finalmente estreará sua sonhada camisa rosa-choque. É um plano que vinha acalentando há algum tempo. Se os goleiros geralmente são notados na hora da desgraça, por que não chamar a atenção do público?

Quando lançou a idéia, através de PLACAR, Valdir não estava absolutamente certo de que um dia a usaria. Ainda era muito tímido. Aos poucos, entretanto, foi se preparando. Abandonou a triste camisa cinzenta e foi alternando com outras menos pálidas.

Para isso, precisou vencer a severa vigilância do atento mordomo Ávila, cioso em preservar as tradições do clube. Colocou-as no corpo depois de aquecido, bem na hora do time entrar em campo. Ávila quis protestar, mas era tarde.

— É o momento exato — aposta Valdir Peres. — A torcida anda me aplaudindo e saberá entender.

A carreira comprometida por uma fratura trágica e complicada na perna esquerda. Começava a luta de Mirandinha contra o tempo, que seria bem maior do que ele imaginava . O artilheiro voltou, sim, mas nunca mais foi o mesmo de antes.

Mirandinha e a dramática cena da fratura: a séria contusão atravancou sua promissora carreira

Quem tem olhos há de ver

POR CARLOS MARANHÃO

UM ANO E TRÊS MESES NO GESSO. A VOLTA SEMPRE ADIADA. MIRANDINHA FALA EM TIRAR O GESSO AGORA E VOLTAR EM DOIS MESES. O PREPARADOR FÍSICO – E PSICOLÓGICO – DUVIDA QUE O VELHO MIRANDINHA POSSA RESSURGIR EM MENOS DE 15 MESES

Na terça-feira da próxima semana, a fratura da perna esquerda de Mirandinha completa exatamente 15 meses. Dois dias depois, sem maiores festas, ele fará 24 anos. A data mais importante, porém, ninguém consegue antecipar: quando ele voltará ao futebol?

Talvez um tempo bem maior do que se supõe, segundo afirma com muita franqueza o preparador físico Leonindo Rigo, que trabalha com Mirandinha desde a árdua época do Corinthians.

– Ele tem pela frente um longo período de condicionamento físico, técnico, tático e, principalmente, psicológico. Acredito que, se a recuperação começasse agora, ele precisaria para ficar apto de mais um ano e três meses. Isto é, o mesmo tempo decorrido desde a fratura, entende?

E o Mirandinha, entenderá? Rigo, que além de fisicultor é formado em psicologia, teme que não.

– Confira: ele dirá que em dois meses de recuperação estará jogando.

Não dá outra coisa.

– Como vai?

– Tudo bem – responde, para perguntar desconfiado: – O que aconteceu?

– Nada.

— Estranho, vocês virem me procurar. Eu continuo parado...

— Mas a torcida não se esqueceu de você. Querem saber quando você volta.

— Logo, logo — anima-se outra vez. Assim que tirar o gesso e iniciar os exercícios, em dois meses entro no time.

Otimismo inabalável

O otimismo, bom humor, serenidade e paciência de Mirandinha chegam a comover. Nada parece suficiente para mudar seu comportamento: as duas cirurgias a que se submeteu, a interminável espera, as saudades da bola, o afastamento dos estádios, as sucessivas mudanças no prazo da volta e a solidão.

— Coitado — lamenta o técnico José Poy. — Ele tem andado muito sozinho.

Ele sente falta dos aplausos do público (e naturalmente das vaias, que são infinitamente preferíveis ao silêncio, à indiferença, esses sim dolorosos), dos elogios, das críticas, das declarações aos microfones no final de cada partida.

Para disfarçar a angústia, brinca que se sente como uma mulher grávida na expectativa de um parto sem data marcada. Ri bastante de sua própria observação. É, contudo, um riso preso, contido, nervoso, e um instante depois cala-se novamente, construindo em torno de si uma barreira de proteção à base de frases lacônicas.

— Estou tranqüilo, de cabeça fresca e sossegado.

Não ao ponto que tenta demonstrar. Um instante mais tarde vem o desabafo:

— Às vezes cansa, sabe?

A suave queixa, em tom passado, é um raro momento em que admite suas presentes aflições. Elas não são financeiras, embora a longo prazo possa vir a se preocupar com isso. O São Paulo teve um procedimento correto e elogiável. Desde a contusão, recebe pontualmente salários e gratificações. Em dezembro, seu contrato foi renovado rapidamente. No ano passado, o São Paulo disputou 85 partidas e perdeu apenas cinco. Mirandinha, portanto ganhou 80 bichos. Comprou uma casa perto do Aeroporto de Congonhas, em que moram a mãe, os irmãos; e ao casar com Mercedes, em março passado, mudou-se para um apartamento de 2 500 cruzeiros mensais. Neste mês, trocou o Corcel por um reluzente Passat amarelo, que dirigiu uns cem metros, outro dia, "só de farra".

Dinheiro não é o problema. Duro é o resto. Sobretudo sentir na carne o artificialismo e a fragilidade da profissão de jogador de futebol.

Garotinho, foi levado pela família de Bebedouro para São José do Rio Preto, onde passou a infância e a adolescência, fazendo seus melhores amigos enquanto tornava-se o centroavante goleador do América. Do América ao Corinthians, deu um pulo quase tão rápido como do Corinthians à Seleção.

As dificuldades não tardaram. Vieram os gols perdidos, a impaciência e os xingamentos da torcida, que via nele mais um salvador, portanto infalível. Depois, no meio de uma fase dramática dentro do clube, morreu-lhe o pai. De uma hora para a outra, aos 20 anos, viu-se obrigado a enfrentar duas tarefas para as quais não estava preparado: em casa, substituir o

GERALDO GUIMARÃES

"Ir ao Morumbi, para ver um jogo? Para sofrer? Para sentir mais vontade de entrar em campo? Não, muito obrigado. Prefiro ficar em casa"
MIRANDINHA

seu Sebastião; no Corinthians, marcar os gols que dariam um título ao clube. Mirandinha resistiu com bravura e praticamente ressuscitou como artilheiro no São Paulo, até quebrar a perna, dia 24 de novembro de 1974, na sua Rio Preto, ao dividir uma bola com o zagueiro Baldini.

O que o traz agora à cidade? Em Rio Preto, Mirandinha reencontra suas raízes e o palco de sua tragédia pessoal. Este, procura esquecer. Não foi uma única vez ao Estádio Mário Alves de Mendonça, pois lá, se iniciou a carreira, viu-se obrigado a interrompê-la.

Desliga-se do futebol, como se o assunto não o interessasse de perto. Troca de canal se apresentam um vídeo-tape e, dos jogos do seu time, sabe só os resultados.

— Que tal a Seleção?

— Qual Seleção?

— A Seleção Brasileira.

— Ah, estou por fora. Me contaram que o Valdir e o Chicão foram chamados e andei lendo qualquer coisa que o Rivelino não quer ser centroavante.

Em São Paulo, deixou de aparecer com freqüência no Morumbi.

— Não adianta, eles devem estar cheios de ver minha cara.

Raramente vai a um jogo.

— Pra sofrer? Pra sentir mais vontade de entrar? Prefiro ficar em casa.

O esquecimento

— O Mirandinha? — espanta-se Joaquim Miranda, velho porteiro do Morumbi, como se falasse no nome de um estranho. — Não tenho visto, não.

— Não tenho tempo nem de ir a minha casa — queixa-se o companheiro Zé Carlos —, quanto mais para visitar os outros.

— Fui outro dia lá, mas disseram que ele estava viajando, revela Chicão.

— Faz dias que não encontro com ele — acrescenta Valdir Peres.

Em silêncio, apesar de contar com Serginho, artilheiro do último Campeonato Paulista, o São Paulo tenta contratar outro centroavante.

Sem ouvir nada disso, Mirandinha trocou de ambiente. Em Rio Preto, seus dias às vezes passam rápidos. Procura todos os amigos de escola e de pelada e sente-se confortado ao lado deles.

— Olá, Mirandinha! — o baterista William, que subia a rua, apalpa-lhe os braços.

— Oba!

— Puxa, Mirandinha, ouvi na Tupi que você estará jogando em três meses.

— Uns dois meses depois de tirar o gesso — corrige Mirandinha.

— Bem, boa sorte pra você e afasta-se guiado pela bengala branca. Mirandinha o segue com o olhar e, quando dobra a esquina, comenta com tristeza:

— Que pena, ele tem uns olhos verdes tão grandes, tão bonitos. Sem perceber, encosta a mão na perna esquerda. ●

Ele tinha raça, faro de gol e caiu logo nas graças da torcida. Everton só não teve vida longa no São Paulo por um único motivo. O Guarani exigiu que ele entrasse no negócio para liberar o atacante Careca, em 1983. Foi um preço altíssimo, mas o Tricolor resolveu pagar. Fazer o quê?

São Paulo descobre seu europeu

POR TELMO ZANINI

BATE NA BOLA COM PERFEIÇÃO, FINALIZA DE PERTO OU DE LONGE E NÃO DÁ TRÉGUA AO INIMIGO. "NUNCA VI UM SUL-AMERICANO JOGAR ASSIM", DIZ HENNES WEISWEILLER

O alemão Hennes Weisweiller, autoritário técnico do Cosmos de Nova York, é um xenófobo — odeia estrangeiros, os que não são de sua raça. Não só os odeia como costuma persegui-los e, sistematicamente, nega-se a elogiá-los. No último dia 5, porém, quando seu time levou um baile e perdeu do São Paulo por 3 x 1, o mal-humorado Weisweiller, que já brigou com estrelas da grandeza de Cruyjff, Neeskens e Carlos Alberto Torres, além de ter despedido os brasileiros Oscar e Marinho Chagas, foi obrigado a reavaliar seus conceitos. Em vez de arrumar desculpas para a derrota, Weisweiller, para surpresa geral, preferiu apontar o meia-armador Everton Nogueira, do São Paulo, como o melhor em campo. E se confessou admirado com o futebol desse garoto de 21 anos (12/12/59):

— Nunca vi um sul-americano jogar dessa maneira — exclamou perplexo.

Estava surpreso Weisweiller, e estavam surpresos os torcedores do São Paulo, que foram ao Morumbi ver a volta dos jogadores da Seleção e acabaram por aplaudir também um novo ídolo. E não sem razão. Éverton é duro na marcação, cobre com perfeição os avanços do lateral Marinho, chega junto com o centroavante nas jogadas de ataque e, ainda por cima, para delírio das arquibancadas e desespero dos goleiros, é um emérito, brilhante chutador — raro e correto representante dessa espécie em extinção no futebol brasileiro. Chuta a gol da intermediária, com força e precisão. Nunca ouviu falar em Jair Rosa Pinto, o maior chutador da história do futebol brasileiro, mas na Casa do Atleta do São Paulo, onde mora com outros sete profissionais do clube, revelou-se um tanto encabulado:

— Não precisa ter pernas grossas, musculatura desenvolvida para chutar forte. Eu tenho pernas finas, canelas mais finas ainda e calço 38. E só uma questão de jeito. O importante é saber equilibrar o corpo e bater na bola com o peito do pé.

Garoto esperto e inteligente. Sabe jogar e sabe que vai fazer sucesso no futebol. Não é mascarado, não é convencido, mas tem certeza de que será um vencedor. O chute forte, trouxe do berço; a motivação e o estímulo para se transformar num craque, recebeu desde menino, do pai, o delegado Jethero Nogueira, da pequena Florestópolis (4 500 habitantes, a 40 km de Londrina), no norte do Paraná.

Do pai sempre ganhou de presente bolas, chuteiras e jamais um puxão de orelha por passar as tardes nos campinhos da cidade e deixar os deveres da escola para fazer à noite.

— Um filho meu vai ser craque — desejava o delegado Jethero.

No campo de futebol de Florestópolis, onde aos 14 anos era titular do time da cidade e vestia a camisa número 10, Éverton começou a ganhar fama de chutador. Na fracassada Seleção Brasileira de Juniores, em 79, sob a orientação de Mário Travaglini, aperfeiçoou o estilo. No Londrina, em três anos como profissional, marcou cerca de 60 gols, chutando de média e longa distância, na cobrança de faltas e de pênaltis, com absoluta precisão.

— Aprendi que o pé de apoio deve ficar ao lado da bola e, quando a gente bate na bola, deve atirar todo o peso do corpo para a frente. Assim, o chute sai forte e com direção.

Em 74, durante a Copa do Mundo, olhos colados no vídeo da televisão, Éverton ficou deslumbrado com a movimentação em campo dos holandeses e as múl-

FOTOS: JB SCALCO

Ajudando a defesa, observado por Almir: o goleador Everton era um jogador completo

tiplas funções que cada um de seus jogadores desempenhava. "Vou jogar assim", decidiu, ao mesmo tempo em que, a partir dos seus ídolos — Zico e Falcão —, construía o modelo ideal, que pretendia atingir um dia.

— Queria ter a movimentação e a combatividade do Falcão, e a agressividade e a capacidade de finalização do Zico.

Dia 10 de janeiro de 81, quando o São Paulo acertou a sua compra por 15 milhões de cruzeiros, Everton assinou contrato por dois anos, seguro de que se transferira para o clube certo, onde teria condições de desenvolver o seu jogo e atingir o seu ideal.

Depois de 60 dias, 12 jogos e cinco gols (até os 3 x 0 contra o Grêmio), Éverton sabe que está no caminho certo. Nem poderia ser de outra forma. Éverton dirige a própria vida na direção do seu objetivo principal e não permite que fatores estranhos interfiram ou atrapalhem os seus planos. Tem um Chevette 76, mas deixou o carro em Florestópolis. Não acha necessário sair à noite, ir a shows, aos bares da moda, fazer compras em butiques ou procurar aventuras com mulheres. Quando não está treinando, jogando ou viajando com o São Paulo, Éverton fica em casa, lendo, vendo programas de esportes na TV — ou dormindo.

— Eu vivo em função do futebol e sou feliz assim. Tudo o que faço é pensando na minha atividade como jogador.

De São Paulo, além do estádio do Morumbi, da Casa do Atleta e do aeroporto de Congonhas, Everton conhecia apenas o badalado Shopping Ibirapuera, onde algumas vezes foi tomar sorvete, assistir a um filme e olhar as meninas, sempre acompanhado do amigo Paulo César, o estreante ponta da Seleção. Por isso, Éverton ficou contente quando recebeu o convite de PLACAR para visitar os principais monumentos de São Paulo e conhecer o centro da capital. Gostou de ver o desfile das mulheres mais bonitas da cidade na rua Augusta, ficou preocupado com a falta de segurança contra incêndio dos maiores edifícios, espantou-se com o movimento de pessoas no Viaduto do Chá, sobre o Vale do Anhangabaú, e com a imensa população de gatos vagabundos que vive embaixo de suas escadarias. Quis saber a história do Monumento dos Bandeirantes e do Obelisco, onde se ergue o mausoléu dos que tombaram na Revolução Constitucionalista de 1932.

"Queria ter a movimentação e a combatividade do Falcão, e a agressividade e a capacidade de finalização do Zico"
EVERTON

Carregado em triunfo pela torcida: essa cena se repetiu mais de uma vez . Ele era um dos xodós da galera

Mesmo durante o passeio, entretanto, Everton não deixou de falar sobre futebol. Está entusiasmado com Marinho, com Zé Sérgio, com Serginho, com todo o time do São Paulo. Sincero e alegre como um menino que vive seu grande sonho, ele pergunta:

— Diz aí: tem algum time no mundo melhor do que o São Paulo?

Bem, primeiro é preciso ganhar a Copa Brasil, depois a Libertadores e por fim a Copa Mundial Interclubes. Mas, com os sete da Seleção, com Marinho, com Darío Pereyra, e com Everton fazendo a ligação entre a defesa e o ataque, a ponto de entusiasmar o indiferente e frio Weisweiller, e arrematando a gol de uma forma que lembra Jair Rosa Pinto, o supertime do Morumbi pode até chegar lá. E, quando isso acontecer, não há dúvida de que terá sido decisiva a contribuição de Everton, o maravilhoso chutador à européia que São Paulo está descobrindo, com um misto de espanto e fascinação.

Ele colecionou polêmicas, expulsões, desafetos, mas, acima de tudo, muitos gols em quase dez anos de Morumbi. Amado por uns, odiado por outros, ninguém tira de Serginho, porém, uma façanha que parece inatingível: ele ainda é o maior artilheiro do São Paulo em todos os tempos.

Virei bom exemplo

SERGINHO MUDOU MESMO: QUANDO LEVA UM BOTINADA, NÃO REVIDA – POUSA A MÃO NO OMBRO AGRESSOR E ACONSELHA-O A JOGAR APENAS NA BOLA

POR JOSÉ MARIA DE AQUINO

Fez de si a própria imagem do desespero. Era o moleque, o indesejável, o cafajeste travestido de jogador de bola, capaz de enervar o adversário e sua própria torcida. Era o ídolo que se impunha com sua saga de artilheiro. Odiado, amado, perdoado, perseguido. Era o capeta que desprezava todos os santos. O indomável para quem todo juiz era mais um adversário, um ser desprezível que ele pisava com ódio e prazer. Era o anjo torto do poeta Carlos Drummond de Andrade. O canhoto descoberto pelo repórter Telmo Zanini (PLACAR 552), herói do morro da Casa Verde, que adora os negros, que despreza os brancos, que serve os pobres e que se servia dos bandeirinhas. Era o Serginho, nascido e criado na rua, chefe de turma, de muitas brigas, de cara esfolada, de roupa rasgada, sempre perdoado por seu Otávio e dona Laura, seus pais. Era o Serginho de sangue quente, que tinha a fortuna nos pés, mas que insistia em chutá-la, com o mesmo desprezo que chutava seus marcadores. Era o Serginho que entremeava seus gols decisivos, saboreados pela torcida, com atitudes inconvenientes, que endoideciam os diretores do São Paulo. Era um craque que precisava ser mantido e um problema que devia ser resolvido. "Se tantos conselhos não resolvem nada — começavam a pensar — o melhor mesmo é vendê-lo."

Não foi preciso — embora a idéia continue lhe agradando. De repente, tudo pareceu clarear em sua cabeça. E Serginho se encontrou. Mudou sem deixar de ser. Abandonou o demônio que o acompanhava dentro de campo, sem esquecer os amigos de todas as horas, o irmão negro, o morro da Casa Verde. Deixou rapidamente o campo, sentiu o vestiário frio e não teve coragem de encarar Jaime Franco, diretor de futebol, como sempre fazia. Acabava de ser expulso de campo aos 42 minutos do segundo tempo, depois de revidar com uma cusparada a provocação boba do zagueiro do América de Rio Preto, e se sentia pequenininho. Pela primeira vez se sentia assim. Sem forças para reagir. Para gritar: "Cuspi mesmo, e daí?" Fugiu dos amigos e, ao contrário do que costumava fazer, correu para casa. Não para a casa da mamãe, onde gostava de se esconder depois de uma traquinagem. Mas para a sua, ao lado da mulher e das filhas. Trocou as calças apertadas, de corte moderno, por uma bermuda folgada, esticou-se no sofá, mexeu longamente com os dedos o gelo que boiava num copo de uísque, fechou os olhos e começou um longo diálogo consigo mesmo. Quase um monólogo, uma bronca do homem Serginho, sempre correto, sobre o jogador, tantas vezes cafajeste.

"Que é isso, Serginho? Que malandro é você, sempre aceitando as provocações desses zagueirinhos? Então você não percebe que eles estão te explorando? Que qualquer botina amarela, incapaz de acabar com seu futebol, tem conseguido livrar-se de você com um simples cutucão? Onde está o malandro do morro da Casa Verde, que nunca apanhava em casa e sempre batia na rua? Será que você quer parar de jogar aos 28 anos, quando pode chegar aos 35 e ganhar muito dinheiro? Não percebe que, se acontecer uma nova agressão, ninguém vai correr nem chorar por você? Dois anos de suspensão signifi-

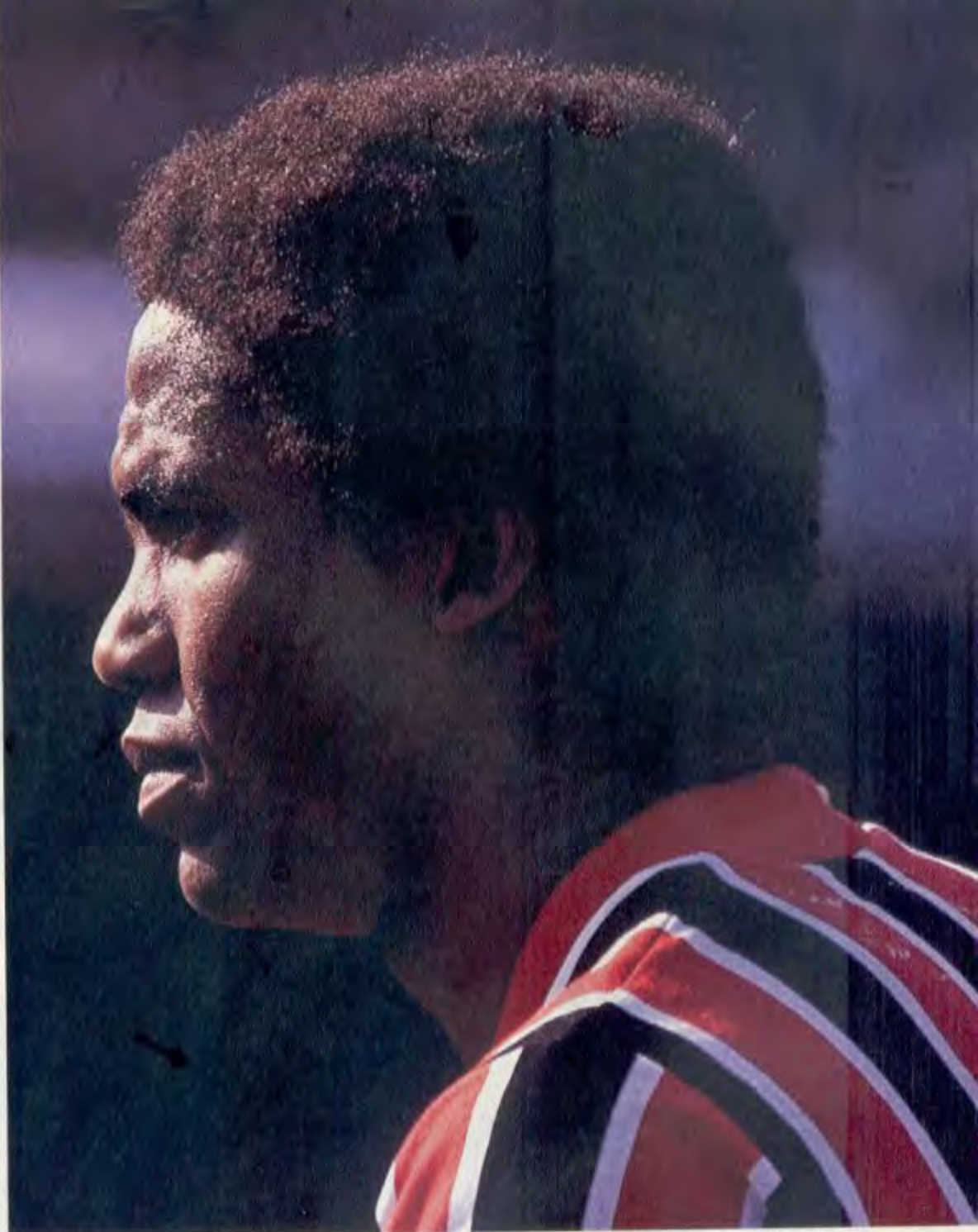
JB SCALCO

Cena repetida mais de 200 vezes com a camisa tricolor: Serginho comemorando mais um gol

cam o fim. E é esse tempo que você vai gramar se continuar bobeando. Tá certo que não aceite ouvir os conselhos que lhe dão. Mas, pelo menos ouça você mesmo. Olhe para sua mulher, para suas filhas, para sua mãe, para os negrões que você gosta de amparar. Qual é a sua, Serginho? Que malandro é você?"

Jura que não chorou depois de "ouvir" o sermão. Nem nunca o contou para ninguém. Nem mesmo para dona Laura, que ficava triste e lhe passava um sabão sempre que ele era expulso de campo. Ela perceberia naturalmente, vendo-o chegar sorridente, sem as rugas que marcam sua testa quando está preocupado. Aliás, aos poucos todos perceberiam. Porque agora ele não estava mudando para atender a pedidos. Mudava por ter-se encontrado. Por sentir que, ao invés de bom malandro, estava bancando um grande otário.

Mudou por tudo isso. E, é claro, pelas razões que o levaram àquelas conclusões: os conselhos que ouvia por todas as partes, até mesmo de torcedores e diretores de outros clubes; a certeza de que não teria uma nova chance nos Tribunais de Justiça; os bons contratos que tem assinado com o São Paulo, garantindo-lhe bons apartamentos, com piscinas e quadras de tênis; a confiança de que, sem punições e com um bom papo, será fácil rescindir o contrato que só vence em junho de 1982, assinando um outro, mais vantajoso — "os brancos estão com muito e é preciso sacar mais algum deles, sem racismo, claro"; e o trato que fez com Jaime Franco, prometendo ficar numa boa, ganhando sua vaga na Seleção que vai à Espanha, para lá, depois do Mundial, ser negociado com um time europeu, acertando definitivamente sua vida financeira.

E, num processo mais ou menos lento, por isso mesmo cerebral, foi mudando também na Seleção — e por causa dela. Principalmente a partir do Mundialito do Uruguai, quando já tinha mantido seu longo e definitivo diálogo. Ajeitou-se bem no grupo, "legal como o do São Paulo"; sentiu em Telê Santana o mesmo técnico amigo que o havia lançado no time titular em 1973, pela ponta-esquerda, num jogo contra o Corinthians, e permitiu até que cobrasse a falta que empatou o clássico (1 x 1). E reafirmou que o Brasil inteiro veria um outro Serginho. Preocupado apenas com a bola, capaz de responder com um sorriso, ou mesmo com conselhos, a todas as provocações. Como fez com Vicente, no último jogo contra o Grêmio, apoiando a mão no seu ombro e dizendo-lhe: "Faça isso não, Vicente. Jogue na bola que você vai mais longe".

De tanto apanhar (e, é claro, bater), Serginho prometeu mudar para garantir uma vaga na Seleção de 82

"Fique sossegado, Serginho. Pare de provocar expulsões, jogue tranqüilo, que você tem lugar no meu time"

TELÊ SANTANA, GARANTINDO A SERGINHO VAGA NA COPA DO MUNDO DE 1982

Mais ou menos como Telê lhe falou, com o mesmo gesto amigo, na primeira vez em que se encontraram na Seleção, pouco antes do jogo contra um combinado mineiro, em Tabatinga: "Fique sossegado. Pare de provocar expulsões, jogue tranqüilo, que você tem lugar no time."

Depois daquele dia, ninguém mais lhe disse coisa alguma sobre comportamento. Mas Serginho, observador, sente que todos torcem e trabalham para que ele mantenha sua nova imagem. Telê o incentiva a brigar pela posição ("na hora da guerra, a camisa 9 será minha"), e todos os jogadores o cercam de carinho.

— Eu me emocionei todo quando o Júnior me indicou para representar a turma naquela mensagem de Ano Novo feita pela Globo. Ele não disse, mas eu sei que foi para me entrosar cada vez mais com o grupo. Como decepcionar uns caras assim? Antes, talvez eu não percebesse isso. Mas agora não. Agora, eu mudei.

Mudou tanto, que foi procurado por uma revendedora para fazer publicidade de um carro. O texto ainda não está pronto, mas deverá ser: "Faça como eu. Mude sua imagem. Mude para o Gol." ○

O ponta imarcável , que chegou a ser apontado como o melhor jogador do país, havia sumido. Após algumas contusões e uma acusação de doping, Zé Sérgio nunca mais foi o mesmo. Pouco tempo depois, foi negociado com o Santos. Mesmo saindo por baixo, deixou lembranças inesquecíveis.

"Estou com medo de driblar"

ANGUSTIADO, O EX-MELHOR CRAQUE DA SELEÇÃO ADMITE: SEU FUTEBOL CAIU VERTICALMENTE. "DE TANTO JOGAR MAL, FUI PERDENDO A CONFIANÇA."

POR CARLOS MARANHÃO

Nos braços da torcida, quase nu, após a conquista de mais um título: ele chegou a ser o melhor do Brasil

Com dois batedores à frente, o ônibus que conduz a Seleção Brasileira sai aplaudido do Neckarstadion, de Stuttgart. Dentro dele, ao som do surdo de Júnior e do repinique de Getúlio, os jogadores começam a cantar "Alemanha chorou/ Alemanha chorou de dor..." Na última poltrona do lado esquerdo, Zé Sérgio acompanha em silêncio a comemoração dos companheiros. É como se aquilo não fosse com ele.

Aos 23 anos, José Sérgio Presti tornou-se um moço triste que precisa recuperar sua alegria de viver — e, por ela, voltar a jogar o futebol explosivo e empolgante que fizera dele o melhor ponta-esquerda do Brasil. O que teria acontecido? Até o ano passado, era um atacante tão perigoso e eficiente que, no Mundialito do Uruguai, o treinador argentino César Luis Menotti armou todo um esquema para anulá-lo e colocou em campo o armador Barbas com a exclusiva obrigação de correr atrás dele.

— Juro que não sei. Se soubesse, diria, porque preciso dessa resposta para fazer, num jogo, tudo o que sabia e sei fazer.

Seu olhar transmite sinceridade enquanto ele caminha por um longo campo perto do hotel Forsthof, no sudoeste da Alemanha, onde a Seleção Brasileira estava concentrada até o início da semana passada. Apesar dessa impressão, é evidente que as coisas não ocorrem por acaso. Se Zé Sérgio vem jogando mal há quase seis meses, perdeu a camisa de titular para Éder e deixa a torcida do São Paulo saudosa do irresistível atacante de arrancadas incontroláveis com o qual se acostumara, é porque algo de sério aconteceu.

— Olha, não aconteceu nada, não. Renovei meu contrato, não tenho problemas no clube, gosto de minha noiva, estou muito bem em minha casa, com os pais e as três irmãs, e não devo nada pra ninguém. Deve ser a fase.

A caminhada na manhã fresca e ensolarada ajuda-o a refletir sobre a queda de qualidade de seu futebol. Pensando bem, as raízes do drama não teriam sido plantadas em dezembro passado, às vésperas das finais do Campeonato Paulista, quando foi acusado de jogar sob efeito de estimulantes? O apressado e leviano envolvimento de seu nome custou-lhe alguns momentos de dolorosa angústia. Na mesma época, ele discutia com o São Paulo a renovação de seu contrato e marcou com a noiva Luciene o casamento para dezembro de 1981.

— Aquilo me perturbou muito. Foi um choque. E acontecia logo no final de uma temporada maravilhosa, em que tudo dera certo para mim no São Paulo e na Seleção.

Em seu apartamento da zona sul da capital, o telefone tocou dezenas e dezenas de vezes durante várias semanas: Amigos, colegas de profissão, conhecidos e torcedores anônimos ligavam para dizer que estavam solidários. Reconhecendo seu erro, depois de tomar o depoimento do jogador, a Federação Paulista revogou a suspensão preventiva e arquivou o processo.

Nada disso, porém, serviu para tranqüilizá-lo. Ao sair de carro, até há pouco tempo, ouvia gritos imprecisos de "boleteiro". Nos jogos do São Paulo, não faltou quem o saudasse de Naldecon — marca de um comprimido corriqueiro para resfriados, vendido sem receita em qualquer farmácia, e que conteria a suposta substância tóxica encontrada no exame antidoping de Zé Sérgio.

— Sofri demais. E o pior é que, quando voltei a treinar, tive a sensação que era a primeira vez. Estranhei o gramado do Morumbi, não conseguia fazer jogadas direito, como de costume.

"De tanto jogar mal, fui perdendo a confiança. Errava o primeiro, errava o segundo...Não tentava o terceiro. Limitava-me a passar a bola"

ZÉ SÉRGIO

Pensou que tudo seria esquecido durante o Mundialito. O problema ocorrera em São Paulo, o resto do país não deveria estar interessado e, no Uruguai, jogaria como se nada daquilo tivesse ocorrido algum dia. Mas não foi bem assim. Uma das esperanças do Brasil — Zico e Reinaldo acabaram cortados por contusão — , Zé Sérgio pouco fez nas três partidas do torneio. E, na decisão, Telê resolveu substituí-lo por Éder nos derradeiros minutos. Seu declínio se acentuou, mas ele só perderia a posição em conseqüência de uma expulsão contra a Venezuela, na estréia das Eliminatórias, já que não poderia enfrentar a Bolívia.

— Sabe, de tanto jogar mal fui perdendo a confiança. Errava um drible, errava o segundo... E o que fazia? Não tentava o terceiro, limitava-me a passar a bola para o mais próximo. Jogada individual para ir à linha de fundo? Não para mim, eu não acertava mesmo.

Emagreceu 3 quilos (o peso ideal para seu 1,72 m é 69 kg). Começou a andar sozinho nas concentrações e, de repente, assustado, descobriu um novo problema: os marcadores.

— Não está dando para jogar meu futebol, não. Estão me marcando muito de perto e tem sempre um na sobra para me desarmar. Quando fazem isso com o ponta, o negócio complica. Não é como um jogador de meio-campo que pode se deslocar. O ponta tem seu caminho para a linha de fundo, que é mais curto e congestionado. Se tem gente demais, ele não consegue passar.

Envolvido em sua crise, Zé Sérgio quem sabe não tenha atentado para o fato de que todo bom ponteiro é sempre bem marcado e que dificilmente um time deixa de colocar um zagueiro na sobra para cobrir os laterais. Quando despontou para o futebol, em 1976, talvez os adversários não se preocupassem tanto com ele, mas tudo mudou desde que mostrou que era um atacante altamente perigoso, capaz de criar jogadas de gol. E há pelo menos três anos não existe treinador, dentro ou fora do Brasil, que se esqueça de instruir o lateral-direito e pelo menos outro defensor para que não se descuidem do outrora mortal, diabólico Zé Sérgio.

— Perdi o equilíbrio para dar o segundo drible, está me faltando lucidez — constata com uma ponta de amargura. — E não me deixam jogar.

A chave para resolver o problema, entretanto, não está na capacidade dos adversários em alcançá-lo mas em sua própria competência para fugir deles e não lhes permitir que tomem a bola que antes arremessava para os companheiros de ataque atirarem ao gol.

— Ele se abateu e agora tem que levantar a cabeça — diagnostica seu companheiro de clube e de Seleção Brasileira, o lateral-direito Getúlio.

O futebol brasileiro precisa ver Zé Sérgio superando esse desafio para que ele não se esconda no fundo do ônibus, cante com os companheiros e emocione novamente todos os que aprenderam a admirar seu talento.

Ele tomava conta da área. Com Darío Pereyra, formou uma dupla de zaga quase intransponível por sólidos cinco anos, de vitórias e conquistas. Oscar, que brilhou também na Copa do Mundo de 1982, misturava classe e raça para brecar os atacantes adversários.

SERGIO BEREZOVSKY

Saindo para comemorar, contra o Palmeiras de Leão: ele também fazia seus golzinhos de cabeça

O missionário

O SÃO-PAULINO OSCAR RUMA PARA SUA ÚLTIMA CRUZADA EM BUSCA DO CANECO SAGRADO NA COPA DO MÉXICO

POR ZUBA COUTINHO

Momentos antes de abandonar os bastidores, rumar para as escadas e encarar os potentes refletores do estádio e as milhares de pessoas nervosas à sua espera para vaiar, aplaudir, estourar foguetes e gritar, os meninos de Cilinho, mãos dadas, costumam ouvir com atenção um dos atletas. José Oscar Bernardi é o orador favorito da turma. Seu sermão, com o sabor romântico de gerações mais antigas do futebol, causa efeito especial nos companheiros. Palavras como honra, coragem ou solidariedade não têm um tom falso em sua boca.

Oscar é grandalhão, 1,85 m, como todo zagueiro-central que precisa impor respeito aos rivais na área. No entanto, ao acompanhar o comandante túnel afora, os garotos do São Paulo não parecem comandados por um xerife — imagem usada para definir os zagueiros mais truculentos. Oscar faz outra imagem da profissão. "Futebol para mim é sacerdócio."

Oscar é uma espécie de descendente dos zagueiros-centrais e capitães de equipe que fizeram a história do futebol brasileiro, como Mauro ou Bellini. Um tipo de jogador com fama de crescer quando veste a camisa da Seleção, com a gana de quem também busca um lugar na história. "Mauro e Bellini foram campeões mundiais, ficarão na memória do povo. Quem recorda os times perdedores?", preocupa-se Oscar. Ele sabe que, se aportar na Copa do México, terá ali sua última chance de garantir um lugar na heróica galeria dos campeões mundiais.

Os cômicos sparrings

Ele estreou na Copa da Argentina como o mais desconhecido dos titulares, pois era um dos poucos jogadores que não vinham dos grandes centros. Defendia a Ponte Preta de Campinas e por seu setor dois dos maiores cabeceadores do mundo, o sueco Ellstrom e o austríaco Krankl, eram grave ameaça às ambições brasileiras. Às vésperas dessas batalhas, Oscar refugiava-se nos livros policiais de suspense da inglesa Agatha Christie. Oscar enfrentou bem os bombardeios europeus e sua fama de um dos maiores cabeceadores do país se firmou de vez. "Cabeceio são os treinos que mais aprecio. Sou capaz de treinar até 2 horas diárias em bolas altas", conta. No São Paulo, para enfrentar sua impulsão, o inventivo técnico Cilinho adotou um método inédito: monta o centroavante juvenil Gílson nos ombros do massagista Jairo e a cômica dupla serve de sparring aos saltos de Oscar.

Na Copa da Espanha, Oscar foi um dos que não choraram no vestiário após a derrota contra a Itália. "Cumpri minha missão. Só vou chorar no dia em que eu mesmo me derrotar", diz. O tom algumas vezes bíblico de Oscar reflete uma forte formação cristã, de menino que jamais faltava à missa do domingo, que uma vez ao ano peregrina até Aparecida, reza todas as noites e acrescenta às suas preces uma oração especial às vésperas dos jogos.

"O filme a que mais assistimos no videocassete é o do nosso casamento", ri a esposa Márcia, 23 anos — eles se casaram há seis meses. No entanto, mais forte que os hábitos foi o curso de formação de lideranças cristãs que Oscar fez ainda adolescente, aos 16 anos, quando recebeu definições do que é certo e errado, e como viver como cristão em comunidade.

No entanto, a formação de Oscar parece mais forjada na dos cristãos que encaravam os leões nas arenas romanas. Afinal, ele é produto das linhas de montagem da Ponte Preta, com tradição de fabricar longas gerações de craques. O ambiente austero e competitivo dos jovens candidatos a astros do clube de Campinas chegou a amedrontar o espigado adolescente de 16 anos. "É como rinha de galo. Alimentam, preparam e treinam a gente a semana toda para as brigas do fim de semana", disse para justificar a fuga da concentração da Ponte Preta, três dias após o pai, "seu" Pompeu, então motorista de táxi de Monte Sião, tê-lo deixado no Estádio Moisés Lucarelli. "Ele colocou minha bagagem escondida no porta-malas e me disse que íamos só dar uma olhada na concentração."

Até hoje ele repete a fuga adolescente. Quando o futebol dá folga, ruma para a mineira Monte Sião, um recanto da Serra da Mantiqueira, onde as fábricas são proibidas e a poluição não atinge os rios e as matas. "É a maior maravilha do mundo", exagera Oscar, sobre a cidadezinha de 15 000 habitantes, onde sua própria casa é ponto de atração para os turistas. Às vezes, ele é visto disparando pelas montanhas em ariscos cavalos ou de mangas arregaçadas e enxada na mão, ou

RONALDO KOTSCHO

então pintando as cercas de sua fazenda de 120 alqueires, que batizou acertadamente de Libertas. No Bar do Peri, nunca escapa das brincadeiras do amigo Juca. "Quem diria, o pior do nosso time acabou na Seleção", riem os companheiros.

Vingando os colegas

"Nós ainda seremos a maior dupla de zagueiros que a Seleção já teve", diz dele o zagueiro do Flamengo Mozer, outro cotado para titular na Copa do México. Companheiros, técnicos e especialmente os quartos-zagueiros admiram a personalidade de Oscar. "Eu conheço minhas limitações, jamais tento fazer o que não sei", explica ele. É nessa arena que Oscar costuma colher as melhores amizades, especialmente na quarta-zaga, como são os casos de Polozi ou Darío Pereyra.

"Quem trabalha na área mais perigosa do campo, como os zagueiros de centro, tem de ficar amigo, depois de enfrentar tantas fogueiras", raciocina Oscar. Para o técnico Cilinho, Oscar é um homem com quem sempre pode contar, aquele que mantém o mesmo padrão, aconteça o que acontecer. Para o diretor Juvenal Juvêncio ele vale tanto dentro quanto fora de campo, especialmente dando conselhos aos mais jovens. Capaz de aconselhar quem está chateado por amargar o banco, de se preocupar com os salários dos companheiros, ou de entregar o cargo de capitão quando não concordou com a atitude de colegas em outras épocas do São Paulo, Oscar acha que a figura do capitão ainda é apenas decorativa no Brasil. "Serve só para o cara ou coroa", diz. Ele acredita que o capitão deveria representar o time diante da diretoria ou do técnico e de representar o próprio técnico em campo. "Os juizes logo ameaçam com cartão quando o capitão vai tentar conversar", reclama. "Não suporto ver companheiro tomando pancada. Se o juiz não toma providência, dou o troco lá atrás", conta.

E Deus fez a mulher

Com fama de educado, Oscar aprendeu que os cristãos só sobreviveram dando boas pancadas. Espécie de irmão mais velho dos meninos do São Paulo, é com Oscar que eles vão desabafar suas ansiedades. "Muitas mulheres virão atrás da gente, Oscar?", perguntou um deles. Boa pinta, Oscar sempre teve muitas fãs. Mas o jeito austero, as roupas algo antiquadas, jamais caracterizaram Oscar como galã. Apenas nos últimos tempos o pessoal tem notado algumas mudanças. A causa disso parece ser o casamento, a mão da mulher.

Há dois anos e meio, de terno e gravata, já pensando em aprender coisas e na futura profissão de técnico, Oscar era o único jogador a participar de um Congresso de Marketing e Futebol no hotel Maksoud Plaza, em São Paulo. Atraído pela bela relações-públicas decidiu pedir seu telefone. Ela recusou, mas o zagueiro conseguiu o número com um amigo comum e telefonou no outro dia. Márcia, além de relações-públicas, era uma promissora manequim, com fotos em Manchete e Claudia, e comerciais do Rexona e dos cigarros Hollywood, e que jamais vira um jogo de futebol.

O romance teve transtornos, como a música sertaneja em alto volume que ele gostava de ouvir no toca-fitas do carro, ou uma foto de biquíni de Márcia numa propaganda de bronzeador. "Ou eu, ou a profissão", ameaçou o ciumento Oscar, que após os dias de treino duro tem o jantar servido na cama pela esposa, grávida.

"Após o nascimento, volto a trabalhar", jura ela, enquanto trava uma batalha para que Oscar não dê o nome do papa Karol Wojtyla ao filho, se for homem.

Em matéria de fogueiras, Oscar prefere as do campo, mesmo quando nos minutos finais é obrigado a avançar até a área adversária para tentar gols decisivos, o que só nos tempos de Ponte lhe custou duas fraturas no nariz e uma no maxilar. E é isso que ele vai continuar preferindo, ao menos até sua última Cruzada, quando tentará recuperar aos mouros o caneco sagrado, na Copa do México. ●

Capitão do time, incentivando Jaiminho: todos faziam questão de ouvi-lo antes de entrar em campo

Careca 1985

Raí pode ter sido o craque mais completo do contemporâneo São Paulo, mas o mais genial, sem dúvida, foi Careca. Em 1985, ele provava que o alto investimento feito pelo clube, ao tirá-lo do Guarani, valeu a pena. No ano seguinte, brilharia na Copa e ganharia o Brasileiro praticamente sozinho.

Comemorando um gol, no Morumbi: cena que se tornou rotina no São Paulo de 1985/86

A volta do goleador

O CAMISA 9 SÃO-PAULINO, NOVO ARTILHEIRO DO CAMPEONATO PAULISTA, É OUTRA VEZ O MELHOR CENTROAVANTE BRASILEIRO POR ARI BORGES

Assim que conseguiu se livrar do batalhão de repórteres que o cercou ao final do clássico contra o Santos, domingo, quando assumiu a liderança isolada na artilharia do Campeonato Paulista depois de marcar mais dois belíssimos gols — está agora com 17 —, o centroavante Careca, do São Paulo, dirigiu-se até o pequeno altar erguido no vestiário do Morumbi. Ali, tocou respeitosamente uma pequena imagem de Nossa Senhora Aparecida. Depois, rezou em silêncio.

Naquele momento, duas palavras estranhas passaram por sua cabeça: artrite soronegativa, nome da doença que, em maio do ano passado, quase o levou a deixar de jogar futebol. Foi uma artrite soronegativa, rara enfermidade, que altera o sistema imunológico do organismo, tornando-o frágil ao menor processo infeccioso, a responsável pelos sete meses que o centroavante passou afastado do futebol, entre dezembro de 1983 e junho de 1984. "Vivi o pior período da minha vida", confessa Careca, que, aos 17 anos, já caçado pelas chuteiras adversárias, tinha sofrido uma cirurgia no joelho direito para a retirada do menisco externo. "Coisinha à-toa perto da artrite."

De fato, os sete meses de drama foram complicados por uma hepatite e por uma seqüência interminável de diagnósticos equivocados. "Só depois de três meses de cansativos exames fomos descobrir o que era", lembra o médico do São Paulo, Marco Aurélio Cunha. "Entrei numa fase de autodestruição com essa confusão toda", recorda Careca. "Só consegui sair com muito apoio de minha mulher, Maria de Fátima, e de alguns amigos." Entre os amigos, o próprio médico Marco Aurélio, que falava todos os dias com o jogador. "Quando não dava para ser pessoalmente, telefonava à noite. Tinha medo de que ele fizesse alguma besteira." O jogador confirma: "Eu estava mesmo começando a duvidar se valia a pena tanto sacrifício".

Sem dúvida valeu, mas, em junho de 1984, quando todo o elenco do São Paulo foi jogar um amistoso em Aparecida — a capital religiosa do país —, Careca ainda não tinha certeza disso. "Andava meio abatido, sem jogar e sem motivação, mas fui lá pela força espiritual", conta. Só que, enquanto passeava pela cidade ao lado de Marco Aurélio, ouviu do médico uma pergunta surpreendente: "Você quer jogar?" Careca pediu para Marco repetir: "Será que o homem vai deixar?" O

homem era o técnico Cilinho, logo depois convencido, juntamente com o preparador físico Bebeto, de que a ocasião era a melhor para a volta do centroavante. "Foi a única vez que resolvi uma coisa dessas no meio da rua", recorda-se o treinador, que no domingo tomou uma decisão bem mais difícil: deixou no banco ninguém menos que Falcão, que só entrou em campo aos 28 minutos do segundo tempo, quando Careca já havia garantido a vitória de 3 x 0 contra o Santos.

Em Aparecida, de tênis porque não ia jogar e não levou material, Careca entrou nos 15 minutos finais do jogo contra um combinado local. Correu como nunca, readquiriu a confiança e não saiu mais da equipe. A camisa, número 15, que usou naquele dia, ficou na Sala dos Milagres da Basílica de Aparecida. "Foi um jeito de agradecer", afirma Careca.

Aquele período marcou também uma mudança na personalidade do atacante: deixou de lado a irritação gratuita que o caracterizava e que ainda gosta de ver num de seus ídolos: o tenista norte-americano John McEnroe. "É que todo mundo no clube ficava tomando conta dele", diz o capitão Oscar. "O que ele ouvia de conselho não era brincadeira." Se atendeu aos companheiros e passou a controlar mais os nervos, Careca ainda hoje insiste em não seguir um conselho que o pai, Antônio de Oliveira, antigo ponta da Ferroviária, de Araraquara (SP), dava-lhe desde o tempo em que o filho dividia sua infância entre os shows e discos do palhaço Carequinha — o que lhe valeu o apelido — e a admiração pelo gênio do mineiro Tostão. "Meu pai vivia me pedindo para chutar sem enfeitar. Pegava no meu pé para que finalizasse de qualquer jeito.

"Dar chutão é feio"

De qualquer jeito, definitivamente, Careca não chuta. Do alto da autoridade que o status de melhor centroavante do Brasil na atualidade lhe confere, ele fulmina sem meias-palavras: "O problema é que gosto de fazer gols bonitos. Ou melhor, só sei fazer gols assim. Acho que 90% de meus gols são bonitos." A frase soa natural, sem empáfia ou falta de modéstia. "Gosto de bater como se deve na bola, só isso", arrisca.

Habilidoso e veloz, Careca gosta de temperar seus gols com uma pitada de crueldade, herança de moleque. "É gostoso judiar de zagueiro, mas é melhor judiar de goleiro", admite. "Gol mesmo foi um que fiz no Gilmar, do Palmeiras (hoje no Bangu), quando estava no Guarani. Recebi um lançamento, fingi que ia chutar e ele voou para um canto, enquanto eu dava um corte e rolava a bola mansinha para o lado oposto."

Dono de um arranque mais poderoso que de seu brilhante companheiro Müller, o Craque do Futuro — os dois fazem 100 m em 11 s, mas o centroavante sai na frente nos primeiros 15 m —, Careca desenvolveu ainda uma técnica para marcar gols "que tirem o goleiro da fotografia", como gosta de dizer. "Parto para cima olhando para qual pé o cara se apóia

NICO ESTEVES

"Olho para qual pé o cara se apóia e tento chutar quando não dá mais para ele virar. Acho bonito o goleiro se torcendo todo e a bola entrando rasteira"
CARECA

e tento chutar quando não dá mais para ele virar de lado. Acho bonito o goleiro se torcendo todo e a bola entrando rasteirinha." Essa característica valeu a Careca uma série de críticas. Muita gente o considera preciosista em demasia. "Até me chamam de firuleiro, mas acontece que não adianta dar chutão. É feio e o risco de se errar é maior", resmunga.

Profissional desde 1978, quando explodiu no Guarani campeão brasileiro, Careca já compôs duplas famosas com Renato, Jorge Mendonça, Casagrande e, agora, com Müller. Ele acha parecidos os estilos de Renato e do atual parceiro de área, "pela velocidade de conduzir a bola, embora Müller chute melhor". Gostou de atuar com Casagrande pelo revezamento que faziam no ataque do São Paulo, mas fala com saudade das tabelinhas com Jorge Mendonça e da eficiência do meia, ainda no Guarani, nas conclusões. "Nesse aspecto, Jorge ganha de todos com que joguei", garante com franqueza.

Franqueza, aliás, que revela sempre que aborda a Seleção Brasileira. "Nunca me deixaram jogar com a amarelinha", diz com frustração. "Seleção tem muita cobra e eu não tenho veneno", argumenta enigmático. O médico e amigo Marco Aurélio tem uma tese sobre isso: "Careca precisa ter um vínculo emocional com o resto do grupo para produzir bem. Ele rende melhor se é cercado de pequenas atenções e carinho". O craque concorda com a cabeça. Em seguida, afirma que a imagem de jogador de clube o incomoda. "Ninguém se lembra de que não tive chance de me firmar porque nunca me possibilitaram uma seqüência de jogos." A reclamação é seguida da citação de um de seus pequenos orgulhos no selecionado: "Com Carlos Alberto Parreira, em 1983, participei de cinco jogos seguidos numa excursão à Europa. Fiz sete gols".

Uma única frustração

Dono de um patrimônio que desde agora lhe garante o futuro — conta que é dono de 15 apartamentos em Campinas, outro em São Paulo e uma pequena chácara —, Careca bate três vezes na mesa. "Tenho só 25 anos (4/10/1960) e ainda vou judiar de muito beque na minha vida." Convencido de que atravessa a melhor fase de sua carreira e, atualmente, é "a melhor opção para o comando de ataque do Brasil", esse libriano nascido em Araraquara, destro com o pé, canhoto com a mão, espera que uma convocação seja apenas conseqüência do belo futebol que vem mostrando no São Paulo.

Seu grande sonho é a Copa do México. "Já imaginou um goleirão gringo caindo de um lado e a bola entrando do outro? Ia ser uma beleza." Até lá, Careca espera ter riscado para sempre coisas ruins, como uma tal artrite, de sua memória. E quem sabe tenha também conseguido superar a única grande frustração de sua vida, que não tem nada a ver com futebol: Careca gostaria de saber tocar cavaquinho. ○

Ele veio para dar o toque final, de classe e experiência, ao arrasador São Paulo de Cilinho. Desentendeu-se com o treinador, amargou um tempo na reserva, mas na hora do aperto, na decisão do Paulistão, lá estava ele, vestindo a camisa 10. A vida de Falcão no São Paulo foi curta, mas intensa.

O rei está jogando

PAULO ROBERTO FALCÃO ASSUME A CAMISA 5 DO SÃO PAULO E RECONQUISTA SUA IMAGEM DE UNANIMIDADE NACIONAL

POR JOSÉ ANTÔNIO RIBEIRO E MARCELO DUARTE

Uma vitória e um empate. No final da semana passada, o saldo dos primeiros 180 minutos de Falcão jogando pelo São Paulo demonstrava, com clareza incomum no futebol, o justo resultado conseguido pelo astro em seu duplo retorno, ao Brasil e à bola. A vitória, alcançada na estréia amistosa de quinta-feira contra o Internacional de Porto Alegre, por um magro 1 x 0, deixou gordos indícios do acerto do negócio. O clube paulista, que não investiu um tostão dos 7 bilhões de cruzeiros empregados pelo pool de empresas responsável pela contratação, começou a recolher seus dividendos: em números redondos, 650 milhões de cruzeiros de lucro pela partida, além de faturar em imagem até mesmo junto às torcidas rivais. Já o empate de 2 x 2, domingo, contra a Inter de Limeira, resultado do primeiro jogo de Falcão valendo pontos pelo Campeonato Paulista, reflete de forma igualmente cristalina o aspecto técnico de sua entrada no time, que ganhou em categoria, mas perdeu, pelo menos por enquanto, em explosão.

"Espero muito mais de Falcão, mas bem mais adiante, não agora", dizia o treinador Cilinho depois da partida de Limeira, em que a estrela acabou sendo o ponta Éder, autor de dois gols. "Não posso deixar de escalar Falcão, senão ele não recupera a forma."

O técnico, de fato, está numa posição delicada: seu negócio imediato é se classificar para o quadrangular decisivo e ganhar o Campeonato Paulista, num ano em que o São Paulo é disparado o melhor time do Estado. Mas como dispensar o reforço de um dos jogadores mais completos do mundo, mesmo que isso provoque um desacerto temporário no conjunto? A entrada de Falcão, pelo menos nos dois jogos que ele disputou, diminuiu o ritmo veloz imposto pelo jovem elenco tricolor, além de ter provocado alterações sensíveis na forma de jogar. Para que entrasse, o volante Márcio Araújo foi recuado para a quarta-zaga, saindo Darío Pereyra. Como Falcão naturalmente está sem noção exata de seu espaço em campo — desde que foi operado, em dezembro do ano passado, jogara apenas amistosos pela Roma e participara da festa pela volta de Zico ao Flamengo, em julho —, nota-se um problema tático: o talentoso Suas tem menos espaço para proteger a zaga, e Oscar e Márcio Araújo ainda não definiram qual dos dois sai para as antecipações necessárias, tarefa bem mais ao estilo de Darío Pereyra.

NICO ESTEVES

Amargando o banco de reservas no São Paulo: sem perder a elegância e o bom-humor

Estréia quase adiada

Apenas um grupo restrito de pessoas sabe o drama íntimo que Falcão viveu na noite de quarta para quinta-feira, quando a festa de estréia marcada para o Morumbi correu até o risco de não se realizar.

À noite, ao voltar dos treinamentos para o Hotel Transamérica, onde estava hospedada também sua família, Falcão sentia crescentes dores na parte posterior da coxa direita. Segundo um membro do departamento médico do clube, poderia ser um estiramento muscular provocado pela tensão da estréia. Para o próprio Falcão, apenas uma dor muscular, mas muito intensa. "Trabalhei durante quase cinco meses a perna esquerda para me recuperar da cirurgia no joelho, e era natural que a atividade da última semana forçasse a direita, que sentiu", conta ele. Apenas às 3 horas da manhã a dor foi vencida pelas massagens e bolsas de gelo aplicadas pelos fisioterapeutas Nivaldo Baldo e Luís Rosan. "Não podia de forma alguma deixar de jogar. Todo mundo ia dizer que o joelho não tinha ficado bom."

Além da promoção toda, uma razão muito forte empurraria o jogador. "Sempre entrei em campo quando tinha as mínimas condições. Depois é que eu vou ver o que acontece, como o meu corpo reage", afirma. Essas e outras atitudes extremamente dedicadas de Falcão ao futebol talvez ajudem a explicar o fascínio que ele provoca em todas as torcidas de todo o país. Na última semana, PLACAR promoveu uma pequena enquete, sem maiores pretensões científicas, para averiguar o alcance dessa popularidade. Propositadamente no Rio de Janeiro, terra de Zico e nova morada de Sócrates, foram ouvidos 100 torcedores para que eles apontassem seu preferido entre os três principais craques do Brasil — Zico, Sócrates ou Falcão. Zico obteve todos os 20 votos da cota flamenguista na pesquisa, e ainda assim Falcão empatou com ele no geral — 42 votos para cada, 16 para o Doutor. Como se costuma dizer no mundo do futebol, empate fora de casa é vitória. Mas o espantoso é que mesmo em sua casa atual Falcão faça milagres. Boa parte dos 48 000 torcedores que foram ao Morumbi, quinta, era de torcedores que normalmente não engolem o São Paulo.

JORGE ROSENBERG

momento de distração do jogador e enfiou-lhe na cabeça uma coroa de lantejoulas digna de uma escola de samba do segundo grupo paulistano. Quando Falcão viu que vinha mais — outro torcedor trazia um manto de cetim bordô e um cetro —, enfiou-se de volta na nuvem de repórteres, onde se refugiou.

A partir de agora, Falcão quer justificar, no menor prazo possível, a opinião do ex-colega de clube e hoje técnico do Inter de Porto Alegre, Paulo César Carpegiani: "Com Falcão, o São Paulo torna-se sem discussão o melhor time do Brasil."

Por onde passou até hoje, Falcão deixou a mesma imagem intocada. Na vasta correspondência despejada diariamente em seu nome no Hotel Transamérica, além das perfumadas cartinhas de amor que vêm de toda parte, muitas mensagens desejando boa sorte são remetidas de Porto Alegre e Roma. Falcão deixa amigos ao trocar de camisa, ao contrário do que é comum no futebol. Os outros raros fenômenos de unanimidade nacional na área de espetáculos, como Chico Buarque, foram explicados por uma conjunção de fatores: competente no que faz, agrada ao público em geral; bonito, atrai as mulheres; pela soma das coisas, conquista os mais idosos, que o imaginam como filho ou o genro que pediram a Deus.

Ele tem noção exata do misto de admiração e respeito que provoca até entre os companheiros de profissão, e arrisca uma explicação para isso. "Eu levo a questão do respeito muito a sério. Quando um time em que estou jogando mete quatro ou cinco gols em cima de um adversário, naturalmente eu me contenho. Não gosto de humilhar ninguém, tenho horror de olé. Afinal, detestaria que isso acontecesse comigo." Hoje, uma das principais preocupações de Falcão é se entrosar com os companheiros de São Paulo.

De sua parte, a diretoria cuida para evitar possíveis ciumeiras. Excepcionalmente, o bicho para cada atleta na festa de quinta foi de 2 milhões de cruzeiros. Além disso, Oscar viu instituído um troféu em seu nome — conquistado pelo São Paulo na vitória por 1 x 0. Como Falcão venceu a primeira semana superando dois testes rigorosos, nada mais natural que esperar com otimismo por sua completa readaptação aos campos, para que possa fluir seu estilo único: cabeça alta, passes medidos, presença no ataque, na defesa... ○

Tomando conta do meio-campo: na sua curta passagem pelo Tricolor, ele conquistou o Paulista de 1985

Cetim e lantejoulas

Depois da noite maldormida, foi com a elegância e a expressão cortês de costume que Falcão se apresentou no Morumbi para a festa da estréia. Não se queixou a ninguém das dores musculares, que poderiam desculpar um mau desempenho. Com um desses paletós estampados que a cidade está-se habituando a ver em suas raras circuladas, no final da tarde o astro jantou com os colegas na concentração do clube e serviu-se de um cafezinho na cozinha. No vestiário, já trocado, participou da roda de orações e esperou a hora de entrar no gramado, onde, por alguns momentos, sua elegância seria levemente arranhada. O mínimo que se pode dizer é que, no Brasil, ainda não acharam o tom certo para essas festas

"Eu levo a questão do respeito muito a sério. Não gosto de humilhar ninguém. Tenho horror de olé. Afinal, detestaria que isso acontecesse comigo"
FALCÃO

futebolísticas. O cerimonial de entrada individual dos craques por uma passarela de torcedores, copiada do modelo norte-americano, foi soterrado pela instituição nacional dos repórteres volantes de rádio e TV. Uma nuvem deles caiu sobre Falcão quando o jogador surgiu no túnel, impedindo a visão do público. Rapidamente, uma representante da Torcida Uniformizada do São Paulo aproveitou-se de um

Darío chegou ao São Paulo em 1977 e foi logo campeão brasileiro. Mas demorou mais três anos para jogar seu verdadeiro futebol; coincidentemente quando passou do meio para a zaga. A partir daí, só brilhou. Aliou raça e técnica como poucos e está entre os maiores craques são-paulinos da história.

Rachando, contra o São José, pelo Paulista de 1981, que lhe rendeu mais um título: Dario sabia ser clássico, duro, qualquer coisa

JB SCALCO

Um guerreiro sem limites

POR MARCELO DUARTE

NO LIVRO FERNÃO CAPELO GAIVOTA, O ZAGUEIRO URUGUAIO APRENDEU QUE TUDO É POSSÍVEL. ATÉ SER CAMPEÃO MUNDIAL

Num canto do vestiário principal do Estádio Centenário, em Montevidéu, o zagueiro Darío Pereyra, já vestido com o uniforme da Seleção Uruguaia, inicia um ritual: mãos sobre o rosto abaixado, ele se entrega a uma concentração total. Quer pensar apenas no jogo. De repente, uma barulhenta comitiva invade o vestiário e acaba com sua tranqüilidade. Irritado, Darío berra, entre alguns palavrões: "Vamos fazer silêncio!"

Ninguém mais fala nada. Alguns minutos mais tarde, Darío seria apresentado à figura central daquele grupo de pessoas, um cavalheiro bem-vestido, que, polidamente, pediu desculpas e desejou-lhe boa sorte na partida. Era o presidente do Uruguai em pessoa, Julio María Sanguinetti, que um mês antes assumira o poder. Naquele dia, 7 de abril de 1985, a Celeste, de Darío Pereyra & Cia., venceu o Chile por 2 x 1 e se tornou o primeiro país a alcançar uma vaga para a Copa do México. Nesta semana, Darío apresenta-se ao técnico Omar Borrás e deve começar sua preparação para a mais importante competição futebolística com um único pensamento: ser campeão mundial. E o São Paulo pode estar perdendo definitivamente este grande guerreiro. Há fortes rumores de que irá transferir-se para a Europa — o espanhol Barcelona, segundo se comenta.

Darío prefere não pensar muito nisso agora. Primeiro de tudo, a Copa do Mundo do México. Quem conhece esse jogador sabe que não se pode duvidar de sua determinação. Das páginas de seu livro preferido, Fernão Capelo Gaivota, de Richard Bach, lido e relido diversas vezes, Darío tirou sua maior lição de vida: testar sempre os seus limites, jamais se acomodando diante do mundo.

Sua chegada ao Brasil, na verdade, não foi nada fácil. Depois de cinco anos no Nacional de Montevidéu, Darío desembarcou em São Paulo e logo teve uma amostra do que a cidade grande lhe reservava. Precisava buscar a passagem para a viagem de volta de seu pai Alfonso, funcionário aposentado do Frigorífico Nacional Uruguaio, numa agência da

Avenida São Luís. Ficou quase 2 horas andando sem direção certa até encontrar o endereço. Aquela tarde foi terrível. Pedia informações, mas ora não era compreendido, ora não entendia as explicações fornecidas pelos transeuntes. "Aquilo me assustou", lembra o craque. "Pensei que nunca conseguiria andar em São Paulo." A saudade de casa era enorme e, mesmo com o título de campeão brasileiro de 1977, conquistado em fevereiro de 1978, logo depois de ter chegado, seu futebol ainda não era festejado. Para piorar, Darío foi atacado por uma distensão crônica que o afastou do time por cerca de dois anos. Ele passava até 40 dias sem jogar, fazia uma partida e voltava a sentir a contusão.

Unidos pelo carnê

Só em 1980 curou-se definitivamente. Tudo começou a melhorar. O então treinador Carlos Alberto Silva improvisou o uruguaio na quarta zaga (antes, era volante), onde ele passou a jogar com maior habilidade. Fixou-se na posição. Desde sua estréia com a camisa tricolor, em 11 de dezembro de 1977, contra o Internacional, em Porto Alegre, até a decisão do Campeonato Paulista de 1985, contra a Portuguesa, no Morumbi, Darío contabiliza 355 partidas pelo São Paulo. Tem quatro títulos de campeão (Brasileiro, em 1977, e Paulista, em 1980, 1981 e 1985) e quatro vice-campeonatos (Brasileiro, em 1981, e Paulista, em 1978, 1982 e 1983) isto é, uma média incrível de uma final por ano.

Hoje, o cidadão Alfonso Darío Pereyra Bueno, um libriano de 29 anos, já está completamente enraizado na cidade. Em seu Monza preto 1984, ele roda com desenvoltura por qualquer parte da capital. E não esconde seu amor por São Paulo. Muitos dos badalados endereços da cidade ficarão sem um cliente muito especial nos próximos quatro meses. Ele compra contrafilé ou picanha, por exemplo, sempre no Açougue Mignon, na região dos Jardins, de propriedade dos irmãos uruguaios Pepe e Charles. Para Darío, o melhor churrasco é servido no Restaurante Rodeio, para onde sempre escapa com a bela noiva Elenita Caparroz, uma securitária de 24 anos, para jantar após os jogos.

Darío conheceu Elenita, então modelo, durante a gravação de um comercial do carnê Paulistão, no próprio Morumbi, em meados de 1978. Os dois já falam em casamento, possivelmente logo após a Copa. "Só penso agora na vida a dois", garante Darío, colocando uma pá de cal sobre a grande fama de paquerador inveterado dos primeiros tempos de São Paulo. "Naquela época a maior parte dos jogadores era casada e as meninas procuravam só a mim. Agora o time todo é de jovens e solteiros", justifica.

Um endereço também muito familiar para Darío é o Shopping Center Iguatemi, o mais antigo da cidade. Lá, ele mesmo escolhe e compra suas roupas nas lojas Pólo's by Kim, Richard's e Sisamo. "Tenho um gosto muito especial", diz ele. "Não compro nada só por comprar ou porque está na moda. Gosto de roupas esporte que me dêem comodidade." Nas lojas do shopping, Darío também se abastece de suas duas marcas de perfume preferidas — o Azzaro, para o verão, e o Van Cleef, menos doce, para os dias mais frios. Até para cortar o cabelo o zagueiro de 1,79 m e 73 kg tem suas extravagâncias.

Corte rebelde

Em épocas de início de campeonato, para se ter uma idéia, ele freqüenta os salões mais tradicionais do cabeleireiro Jassa. Quando as finais das competições se aproximam, no entanto, Darío senta-se só na cadeira do salão Kata. "É que lá o corte é mais guerreiro, impõe mais respeito", garante o quarto-zagueiro, que já está com o cabelo bem rebelde para o Mundial e nunca faz a barba antes de jogos decisivos. A própria rotina da profissão o obriga a passar a maioria das noites em companhia dos discos românticos de Julio Iglesias ou Lionel Richie e, principalmente, com os livros, sua maior paixão. Atualmente, Darío está lendo a Bíblia, mas não participa dos encontros promovidos pelo efervescente grupo Atletas de Cristo.

Acompanha também com muito interesse o noticiário econômico em jornais e revistas, mas não está preocupado com as mudanças promovidas pelo governo em fevereiro, já que a maior parte de seus investimentos — ele procura esconder o montante — está aplicada em terrenos e apartamentos em território uruguaio. O Siciliano, de Mario Puzo, foi o último romance que devorou e hoje é apenas mais um entre os 100 títulos que recheiam a estante de um dos dois dormitórios de seu apartamento sem luxo no 17° andar de um bonito conjunto no bairro do Brooklin, a 15 minutos do Morumbi. Desde criança, Darío é um amante dos livros. E se interessa por política, como bom uruguaio. Aos 16 anos, ele — simpatizante das idéias socialistas — sofreu um golpe: perdeu toda a coleção de obras de Marx, Engels e Trótski. Sua mãe, dona Yolanda, temendo que elas fossem consideradas incendiárias, resolveu queimá-las, ao tomar conhecimento de que uma patrulha, no auge da repressão uruguaia, vasculhava as casas do quarteirão. Quando encerrar a carreira, Darío pretende retomar o curso de Economia, abandonado logo no primeiro ano para jogar no São Paulo.

Hoje, vira e mexe, Darío está se deliciando com as páginas de Fernão Capelo

"Lá (no salão Kata), o corte de cabelo é mais guerreiro, impõe muito mais respeito"

DARÍO PEREYRA, QUE, ENTRE OUTRAS MANIAS, NÃO APARAVA A BARBA EM DIA DE JOGOS DECISIVOS

SERGIO BEREZOVSKY

Gaivota, seu herói. O livro, mais uma vez, deu-lhe ânimo para procurar novos desafios. Desta vez é o mar. Darío pratica iatismo e canoagem, mas a curtição do momento é mesmo o windsurfe, nas praias do Guarujá ou de Punta del Este, no Uruguai, no período de férias. E principalmente nessas horas que, seguindo a trilha da pequena gaivota, Darío sonha com altos vôos — a começar pelo título de campeão mundial no México.

Foram três passagens pelo clube; a última, é verdade, meio decepcionante. Mas Müller é um dos craques mais marcantes da história do São Paulo. Não só pelo futebol, que passou de veloz à cerebral, mas mais ainda pelos campeonatos que levantou. Dois Mundiais, duas Libertadores, dois Brasileiros...

SEM PECADO E COM JUÍZO, O ATACANTE DO SÃO PAULO SE AFASTA DOS ATLETAS DE CRISTO PARA EXPERIMENTAR OS PRAZERES NORMAIS QUE A VIDA OFERECE A QUALQUER JOVEM COMO ELE POR UBIRATAN BRASIL

A luz que piscou para Müller no último dia 31 de janeiro, quando ele completou 20 anos de idade, não tinha nada de divina. Tampouco partia dos holofotes de Satanás. Possuía, é verdade, o excitante brilho do neon. Recortava a silhueta de gatinhas cheirosas, doces e sempre disponíveis. Era uma luz natural a iluminar os caminhos de um jovem que desfrutava um momento raro em sua vida. O atacante do São Paulo ostentava a faixa de campeão paulista, dinheiro no bolso e um carro da moda. Não bastasse tudo isso, apontavam-no como uma das grandes revelações do futebol brasileiro.

Faltava-lhe uma consagração na Seleção, o que acabou não ocorrendo. Ainda que nos pênaltis, o Brasil foi eliminado pela França nas quartas-de-final da Copa do Mundo. Tido e havido como solução para o ataque nacional, Müller não jogou tudo o que sabia. Escapou, porém, ileso de uma crucificação. Diariamente, quantidades industriais de cartas endereçadas a ele chegam ao Morumbi. E nem todas contêm piedosas palavras de consolo. Grande parte da correspondência sugere uma forma íntima e explícita para afogar as mágoas. Trata-se de um novo símbolo sexual das tietes futebolísticas.

Na verdade, esse rapaz sul-matogrossense com pele de índio tem muito futuro pela frente, e sabe disso. Seus olhos amendoados brilham, mas ele não parece surpreso ou assustado. Se Müller mostrou-se imune a alguns perigos do estrelato — contudo já revela as primeiras mudanças. A começar pela religião.

Até há pouco tempo, junto com Silas e Márcio Araújo, seus companheiros no São Paulo, Müller era um dos baluartes do grupo Atletas de Cristo. Reuniam-se todas as segundas-feiras para construtivas leituras da Bíblia. Esta seita tem como mentor um pastor de nome Johnny Monteiro. Fica por conta da maledicência alheia dizer que o grupo é a TFP (Tradição, Família e Propriedade) do futebol brasileiro e Johnny, um oportunista. O afastamento de Müller foi lento, gradual e seguro. Engana-se, porém, quem aposta ter-se transformado o jogador num libidinoso fauno herege. "Apenas passei a conciliar minha fé religiosa com a busca dos prazeres naturais da idade", defende-se.

SERGIO BEREZOVSKY

Sem cervejinhas

Continua muito amigo de Silas, mas não é mais companheiro de quarto. No início do ano, mudou-se da concentração do Morumbi para a sossegada casa de Josias Marques Filho, um comerciante de automóveis com livre trânsito nas divisões inferiores do São Paulo. "Aqui, ele não tem um horário rigoroso para cumprir", explica o negociante, que o apresentou ao clube em 1982. Trocando em miúdos, Müller tem sinal verde para prolongar seus passeios favoritos. E não há nada de vida desregrada, luxúria ou mulheres de escarlate metidas nesses programas. Ele gosta mesmo é de dar bandas pelos shopping centers mais sofisticados da cidade. Ali, ele se encanta com as vitrines. Não o irritem, entretanto, convidando para uma inocente cerveja. Quem quiser travar amizade com o ídolo deve convidá-lo para um sorvete, que ele toma às toneladas. "Sorvete é o meu barato."

Mas já vão longe os tempos em que tais andanças eram tranqüilas. Hoje, sua presença é anunciada por gritinhos femininos, inúmeros beijos. Paciente, Müller empunha uma caneta e sai distribuindo autógrafos. Assina cadernos, guardanapos, braços, mãos e pernas. "Ele parece um bombom", disse uma sedutora ruiva, um dia desses, no Morumbi Shopping.

Bons presságios

Em poucos meses de estrelato, Müller atingiu o grau de exigência a que estão sujeitos todos os grandes ídolos. Cada vez que entra em campo, aguarda-se dele um novo espetáculo. "No começo, eu me intimidava", reconhece. "Agora isso não interfere mais com meu futebol." Tal segurança, sem dúvida, revela os bons presságios trazidos pela mudança de vida. Afinal, para se alcançar o sucesso, é sempre bom ter fé no taco.

Ainda bem que a vaidade não chega a ser um pecado mortal pois, do contrário, Müller correria o risco de arder nas chamas do inferno. Caprichoso, mantém o exótico corte de cabelo denominado "Halley 86" — homenagem de estetas capilares ao cometa que, segundo se comenta, exibiu-se este ano. Gasta cerca de 10 000 cruzados mensais em roupas novas. Possui um desprezo olímpico por

Comemorando o gol que valeu o primeiro título pelo São Paulo, o Paulista de 1985: ele se tornaria um colecionador de taças

jeans. Produz-se com calças largas, camisas de fino corte e vistosas jaquetas. "Quando descubro alguma loja do meu agrado, torno-me um freguês fiel."

Metódico, sustenta os seus 76 kg distribuídos em 1,76 m de altura à base de grelhados. Freqüenta a fina churrascaria Rodeio, onde geralmente saboreia uma picanha fatiada. E a noite chega, com Müller trocando segredos com namoradas temporárias em bares como o QG, na região dos Jardins, reduto da rica juventude paulistana. "Mas não pretendo me casar antes dos 30 anos", avisa às mais afoitas por um enlace matrimonial. Apregoa que a mulher ideal deve ser loira de olhos verdes, estatura média e corpo bem proporcionado. "Aprecio, também, o modelito de Cláudia Raia", sentencia.

A grande paixão, porém, é a cantora norte-americana Madonna. Müller tem todos os seus discos, além de fitas de videocassete com clips e shows ao vivo. "Ele é maluco", diverte-se Casagrande, que foi seu companheiro de quarto na concentração de Guadalajara. "Passa o dia inteiro com uma foto de Madonna nas mãos declamando frases de amor", revela. "Até dorme com a tal foto debaixo do travesseiro", confidencia Casão.

Enquanto a Madonna original não vem ao Brasil, Müller se deliciou num encontro promovido por PLACAR, quinta-feira passada, dia 10, com uma sósia. Modelo fotográfico e agora lançando-se como cantora, a paranaense Patrícia Paula também não resistiu aos encantos do atacante: "Ele é mais bonito pessoalmente do que pela televisão". Após uma sutil troca de telefones, o jogador retribuiu a gentileza: "Ela é tão charmosa como sugerem as fotos da revista (Playboy)".

> **"Não mudei, não fiz nada demais. Apenas passei a conciliar a minha fé religiosa com as busca dos prazeres naturais da minha idade"**
> MÜLLER

O encontro, realizado no Estúdio Abril, concretizou ainda que parcialmente um velho sonho de Müller. "Antes de me iniciar no futebol, tencionava seguir a carreira de modelo fotográfico", conta. "Ele é muito vaidoso", denuncia Hélio Oliveira Silva, fotógrafo oficial da CBF. Durante a fase de preparação para a Copa, 13 jogadores encomendaram álbuns de fotografias relembrando lances dos jogos e bastidores da concentração. "Müller comprou quatro desses álbuns e pagou adiantado os 60 000 cruzados pelo trabalho", esclarece o fotógrafo especialista em casamentos, formaturas e batizados.

Careca aprova

Tal procedimento provoca diferentes reações em seus amigos. Silas, antigo companheiro de quarto e de Atletas de Cristo, diagnostica que Müller está atravessando uma fase de indefinição. "Ele está agindo mal e sei que não desconhece isso", reza. "Mas não posso interferir em sua vida e só espero que ele se reencontre", apieda-se. "Não sou contra alguém ficar com a Bíblia debaixo do braço", apregoa Careca. "Mas acho que ele tem o direito de aproveitar a juventude e, principalmente, a fama, que não é eterna." Careca, porém, tem o cuidado de contar que Müller acata com rigor os conselhos de jogadores mais velhos, como Falcão e Oscar e, sobretudo, do técnico Cilinho.

Alvejado por tantas atenções ele mesmo parece despreocupado. Alguns são-paulinos exagerados, ao vê-lo falar, chegaram a lembrar-se de Zizinho, embora, à luz da lógica, tal comparação seja tão inverossímil como dizer que Nélson Gonçalves é igual a Roger, do Ultraje a Rigor. Optou por continuar sendo o Luís Antônio Correia da Costa, o seu verdadeiro nome. Para ser simplesmente Müller, ele não precisa imitar ninguém. Basta continuar com seus rushes, seus gols e seu futebol selvagem. E sempre haverá corações femininos batendo mais forte nas arquibancadas de São Paulo. ○

Ele era o arco; Müller, a flecha. Os dois formavam uma dupla perfeita, dentro e fora de campo. Começaram juntos, no São Paulo e na Igreja. Depois, cada um tomou o seu caminho. Mas, após a passagem dos "Menudos", o São Paulo nunca mais foi o mesmo.

Um talento celestial

POR ARI BORGES

SERGIO BEREZOVSKY

O RELIGIOSO MEIA DO SÃO PAULO COLHE APLAUSOS DE ZIZINHO, ZICO E BOTA FÉ NO FUTURO. AFINAL, SE O SENHOR É O SEU PASTOR, NADA LHE FALTARÁ

O treino do São Paulo havia terminado e o goleiro Gilmar, cheio de boas intenções, aproximou-se de Silas. "Tu és jogador de Seleção, já disputou uma Copa", foi dizendo no seu sotaque gaúcho. "Por que não te mudas para um lugar melhor? Não pega bem morar na concentração do clube", aconselhou.

Silas agradeceu a preocupação do companheiro, mas recusou polidamente a sugestão. "Mudar para quê?", encerrou o assunto. "O Senhor é o meu pastor, nada me faltará", declamou em pensamento o Salmo 23. Silas não mudou. Os 46 minutos jogados no México — 17 contra a Polônia e 29 na prorrogação contra a França – serviram para alargar seu prestígio internacional, consolidar o reconhecimento doméstico e, definitivamente, fazê-lo transpor a linha invisível que separa o craque do jogador comum. A cabeça e o coração, porém, são do mesmo Silas de antes do Mundial. "Morando no Morumbi não chego atrasado em treino", justifica bem-humorado. "Além disso, detesto ficar só", informa.

Outro bom motivo poderia ser o financeiro. Afinal, ganhando apenas 10 000 cruzados mensais, Silas está até hoje esperando, juntamente com Müller, o cumprimento da promessa da diretoria do São Paulo. No começo do ano, ela acenou com um reajuste, caso fossem convocados para a Seleção. Ele sabe que é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus, mas não ficou nada satisfeito com uma recente oferta de aumento do clube. "Só porque sou atleta de Cristo, devem pensar que fiz voto de pobreza", alfineta.

Não que o dinheiro fascine esse garoto nascido no bairro de Vila Teixeira, em Campinas, onde cresceu entre cânticos e cultos da Igreja do Nazareno. O problema é saber de seu real valor. "Não me ofereceram o que merecia", garante. Arrematando: "Deus não quer ninguém pobre, pelo contrário". Para evitar desgastes inúteis, é o irmão Eli Carlos — o mesmo que despertou sua paixão pelo futebol ao levá-lo para os treinos do Guarani, pelo qual jogava — quem cuida de seus contratos e investimentos. E bem, pelo jeito. Aos 21 anos (que completará na próxima quarta-feira), Silas é proprietário de dois apartamentos e uma casa em Campinas, além de um Monza, que utiliza para seus raros passeios.

Atletas de Cristo

Como não é exatamente um apaixonado por São Paulo, "uma cidade fria, poluída e violenta, onde as pessoas vivem desconfiadas", Silas assegura a baixa quilometragem do automóvel. Limita seu roteiro a visitas aos amigos e eventuais idas para Campinas, onde vive a família e a noiva Eliane. O restante do itinerário tem base espiritual. Todo domingo, após os jogos, vai à igreja. Nas segundas-feiras, está sempre na casa do ex-piloto Alex Dias Ribeiro, diretor-executivo do movimento Atletas de Cristo, onde se reúne com os muitos integrantes do grupo.

Sem julgar Müller

Nestas reuniões, já há alguns meses não se vê Müller. A mudança de comportamento do amigo, com quem repartiu o mesmo quarto por três anos, preocupa-o. "O que está ocorrendo pode acabar por prejudicá-lo", desconfia, sem querer julgar o aparente deslumbramento do atacante pela badalação e fama.

Nas conversas, Deus é o eterno ponto de referência. "Ele está em tudo o que faço, sobretudo em meu futebol", costuma repetir. Quem observa seu toque de bola quase angelical e as sublimes armações de jogo que é capaz de produzir não deixa de lhe dar razão. "Faz gols, lança e é veloz. É um craque feito, brilhante", garante ninguém menos que Zizinho, um dos maiores jogadores de todos os tempos, campeão pelo São Paulo em 1957.

Pedro Rocha, atual técnico do Botafogo de Ribeirão Preto, outro ex-ídolo são-paulino, pensa da mesma maneira. "Dentro de pouco tempo, Silas será o maior craque do futebol paulista", profetiza. Zico vê

nele um provável herdeiro e Luís Pereira o chama de "monstro". O confete vem às toneladas.

"É bom ter o trabalho reconhecido", concede com simplicidade. Tão reconhecido que o Atlético de Madrid sondou o São Paulo, logo após a Copa, sobre a perspectiva de comprar seu passe. Dizem que os espanhóis quase caíram de costas com a pedida do presidente Carlos Miguel Aidar: "O homem pediu 4 milhões de dólares", garante um conselheiro de livre trânsito junto à diretoria. Silas, que vê com agrado a oportunidade de jogar no exterior, "tanto pelo lado econômico como pelo aprendizado de vida", deixa tudo nas mãos do Senhor. "Será como Ele quiser", julga.

Foi justamente essa postura que permitiu ao jogador superar com tranqüilidade a desclassificação brasileira no México. Acabou sendo um dos raros jogadores a evitar críticas ao técnico Telê Santana. "Estou apenas começando a carreira", consola-se. "Dá para disputar mais três Copas ainda..."

Já em 1990, na Itália, os gritos agudos ouvidos nos jogos do São Paulo poderão muito bem estar orientando o time brasileiro. Sente-se seguidor da geração de craques terminada no último Mundial. "O fato de vir a substituí-los não me tira o sossego", afirma com a mesma segurança de quem não teme a responsabilidade de usar a camisa 10 da Seleção, o que se transformou numa espécie de trauma desde a aposentadoria de Pelé: "Quando entro em campo, nem lembro que estou de camisa. Quanto mais o número dela."

Buscando o simples

Grande parte de seu aprendizado se deve ao convívio com Zico, de quem Silas se transformou em sincero admirador. A comovente luta pessoal do Galinho para conseguir atuar no México jamais será esquecida pelo jogador do São Paulo. "É um profissional que só transmite coisas boas. Não merecia perder aquela Copa", fala baixando os expressivos olhos pretos. "E sabe tudo de bola, porque busca o mais simples, como Maradona, Sócrates, Platini", feras que observou atentamente durante o Mundial.

"Vi que esses craques se destacam pela visão aprimorada", assimilou. "Pode reparar como estão sempre com a cabeça erguida. Quando a bola chega, já sabem exatamente o que fazer, pois pensaram em todas as opções." No São Paulo, Silas anda colocando em prática tudo o que conseguiu absorver dos grandes craques. Sabe, contudo, que ainda há muito o que aprender.

Ele tem fé em que tal conhecimento o levará a crescer também espiritualmente. Mas que não confundam tal comportamento com resignação. Nada disso. Silas passa longe do estereótipo do crente, aquele de terninho fora de moda, Bíblia debaixo do braço e pregações para ninguém nas esquinas. "Não é por ser religioso que não posso gostar de roupa bonita, ver televisão ou namorar", esclarece.

Claro, ele quer ir para o céu. Só que antes pretende realizar alguns sonhos. Ser campeão brasileiro pelo São Paulo é um deles. Repetir numa Copa o título mundial de juniores obtido no ano passado, na União Soviética, é outro. "Tudo tem o seu momento", prega convicto. Até a hora de deixar a "casa" do Morumbi, como quer o goleiro Gilmar. Será no ano que vem. E não porque o modesto quarto do clube lhe esteja parecendo inconveniente. Silas não vai arder no fogo do inferno pelo pecado da luxúria ou da vaidade. Apenas vai se casar. E, aí sim, não ia pegar bem morar na concentração. ○

"Não é por ser religioso que não posso gostar de roupa bonita, ver televisão ou namorar"
SILAS

LUIS GOMES

Vê-lo jogar era um prazer. Clássico, criativo, inteligente. Sua principal virtude era deixar os companheiros na cara do gol. Não era do tipo vibrante e talvez por isso não teve vez na Seleção. Mas uma coisa ninguém discute: hoje, não se fazem mais Pitas como antigamente.

Pita, cercado por um monte de palmeirenses: e não é que ele conseguia passar por todos?

Pita, o novo líder tricolor

APÓS A VENDA DE CARECA, O MEIA DO SÃO PAULO PASSA A COMANDAR A EQUIPE COM A MESMA HUMILDADE DE SEMPRE

POR MARCELO LAGUNA

À primeira vista, ele parece o mesmo jogador de nove anos atrás, quando surgiu no Santos. Continua vestindo-se discretamente, cumprimenta todos os funcionários do Morumbi e dá atenção para os pequenos fãs. Seu futebol mantém o brilho de sempre. O rosto guarda certos traços juvenis. Mesmo assim, Pita está diferente. Depois da venda de Careca, o meia-esquerda do São Paulo percebeu que não havia mais lugar para timidez. "Estou vivendo a melhor fase de minha carreira", acredita.

Prestes a completar 29 anos no próximo dia 4 de agosto, dono de três Bolas de Prata de PLACAR – 1982, 83 e 86 –, descobriu que era hora de ocupar definitivamente seu posto de líder na equipe. "Apenas procuro acalmar a garotada durante o jogo", despista ele, sempre extremamente modesto nos elogios. "Pita é um dos últimos talentos do futebol brasileiro", proclama o preparador físico Bebeto. "Hoje em dia, ele é um dos poucos craques que decidem um jogo sozinho", faz coro o volante Bernardo.

Pura verdade. Na mente dos torcedores ainda está fresca a imagem do gol marcado contra o Botafogo, há dois domingos, o sexto neste Paulistão. Zarpando desde o meio do campo, com sua perna esquer-

da encantada driblou metade dos defensores ribeirão-pretanos e tocou para o fundo do filó, garantindo a vitória de 3 x 2. De imediato, a torcida passou a gritar seu nome. "Senti uma emoção muito grande", afirma.

Imenso cão Fila

Depois do jogo, Pita vestiu-se rápido e arrancou para seu confortável sobrado com três suítes no bairro do Morumbi, a cerca de dez minutos do estádio. Estacionou o Monza prateado, atravessou o imenso quintal e alisou a cabeça de "Tuffão", um imenso e assustador cão fila. Ao entrar, largou a sacola em cima da mesa da sala e beijou a mulher Margareth. Os dois se conheceram em Santos, no Carnaval de 1978. Durante um desfile de escolas de samba, Pita se aproximou e, acanhado, pediu algumas pipocas a ela.

O filho Guilherme, de 1 ano e seis meses, veio correndo em sua direção e também ganhou um beijo. Bárbara, a filha de 4 anos, já estava dormindo. Na sala, Pita contou alguns lances da partida, que Margareth já havia escutado inteirinha pelo rádio. O craque, então, foi para a cozinha e preparou café, uma de suas duas únicas especialidades — a outra é fritar ovo. Antes de sair para um churrasco na casa de um amigo, Pita certificou-se de que a televisão estaria ligada por lá para que pudesse assistir ao lindo gol que marcou.

No íntimo, Edivaldo de Oliveira Chaves, apelidado de Pita pela mãe — que queria que o filho na verdade se chamasse Epitácio —, nunca imaginou que o futebol lhe poderia dar tantas alegrias. Nascido em Nilópolis, na Baixada Fluminense, mudou-se para Cubatão, litoral paulista, com apenas 2 anos. Além de jogar bola e estudar, ganhava alguns trocados vendendo siris na beira da Via Anchieta. "Depois que o freguês pagava, eu me oferecia para colocar o bicho no porta-malas", diverte-se. "Mas eu só fingia que punha." Voltava, assim, todo pimpão para casa, com o dinheiro no bolso e o siri na mão.

Clube do coração

A, digamos, pouco honesta carreira de vendedor, no entanto, durou até os 13 anos. Convidado a disputar o campeonato de futebol de praia pelo time do Casqueiro, bairro pobre em que morava, chamou a atenção do pessoal da Portuguesa Santista. Dois anos mais tarde, o técnico Olavo levou Pita para o Santos, até hoje seu clube do coração. "A partir daí, até meu pai começou a me incentivar", lembra. Antes disso, "seu" João Albuquerque, um ex-volante do Náutico, não levava fé no futebol do garoto.

Em 1977, o Santos formou uma vigorosa equipe juvenil, na qual despontavam estrelas como Juary (hoje no Porto), Célio (Portuguesa), Rubens Feijão (Ferroviária) e o próprio Pita. Por isso o treinador Ramos Delgado não hesitou em chamá-lo para o time titular, que ia fazer uma excursão à Argentina. "Levei um susto enorme, pois não esperava uma chance tão cedo", diz.

Já no ano seguinte, boa parte do grupo também acabou promovida. Era a época dos "Meninos da Vila", dirigidos pelo técnico Formiga. Tímido, Pita detestava dar entrevistas. Falava pouquíssimo em campo. Era extremamente fechadão. Diante de tanto silêncio, Margareth era obrigada a comprar os jornais do dia seguinte para saber de mais detalhes da atuação do, à época, namorado. "Sempre fui desse jeito", desconversa.

RONALDO KOTSCHO

"Quase não tive chances e disseram que eu não possuía espírito de Seleção. Mas como eu poderia disputar vaga com Zico, Sócrates e Falcão?"
PITA

Quietinho, conquistou naquele ano seu primeiro título. "Ninguém acreditava num bando de garotos, mas o time era muito unido e bom de bola", orgulha-se o jogador. Depois disso, participou de dois importantes vice-campeonatos — o Paulista de 1980 e o Brasileiro de 1983. De qualquer modo, pairava ainda sobre ele o estigma de apático e frio. "Tudo começou quando fui convocado para a Seleção Brasileira", recorda. Com Telê Santana, disputou o Mundialito do Uruguai e as eliminatórias da Copa da Espanha, ambos em 1981. Dois anos mais tarde, Carlos Alberto Parreira chamou-o para uma excursão à Europa. No total, foram cinco partidas. "Quase não tive oportunidade e disseram que eu não possuía espírito de Seleção. Como eu poderia disputar a vaga com Zico, Sócrates e Falcão?"

Em julho de 1984, aconteceu a grande reviravolta de sua carreira. Trocou a paz e o sossego de Santos pela agitação e a neurose de São Paulo, numa negociação envolvendo os tricolores Zé Sérgio e Humberto. Durante um bom tempo, porém, morria de medo de um possível assalto. "Não conseguia dormir", segreda. Por isso comprou o cachorro "Tuffão", uma garantia de segurança.

A grande metamorfose

Logo em sua estréia, Pita caiu nas graças da torcida, marcando três gols contra a Ferroviária. Melhor que isso, na opinião dos são-paulinos, foi o primeiro clássico contra seu ex-time. Ele abriu o caminho para a goleada de 4 x 1. "Só fiquei chateado de ver a torcida do Santos triste", explica. "Mas sou um profissional."

A mudança de imagem só começou a acontecer em 1985. Foi uma verdadeira metamorfose. Pressionado pela diretoria, o técnico Cilinho escalou a megaestrela Falcão em seu lugar. "Não concordei, pois atravessava uma ótima fase", defende-se. "Falaram até que eu não era jogador de decisão." Para provar o contrário, Pita ajudou o time a levantar o Campeonato Paulista de 1985 e a Copa Brasil do ano passado. A partir desse momento, as entrevistas eram mais demoradas e ele se sentia totalmente à vontade. Em campo, passou a falar e revidar as entradas mais violentas. "Acho que amadureci", desconfia.

O crescimento dos filhos foi um dos fatores para a mudança de comportamento. "E em dezembro chega mais um", informa, alisando a barriga de Margareth, grávida de quatro meses. Depois sorri timidamente. É o mesmo Pita de sempre. ○

CARLOS FERNANDES

Líder, cerebral, carismático, vencedor. Por algumas dessas razões, Raí pode ser apontado como o maior jogador do São Paulo em todos os tempos. Exagero? Ele foi o principal responsável pelo clube ter conquistado o mundo. Pode não ter sido o mesmo na Seleção. Azar dela.

O indiscutível dono da 10

POR MUITO TEMPO, RAÍ LUTOU PARA SER O PRINCIPAL MEIA DO PAÍS. E SÓ HOJE, AOS 28 ANOS, ENFIM PROVOU: A SELEÇÃO É ELE E MAIS DEZ

Ninguém consegue imaginar outro jogador em seu lugar na Copa de 1994, e só isso já basta para considerá-lo acima de qualquer comparação. Aos 28 anos, o são-paulino Raí alcança o que muitos duvidavam que ele conseguisse: a unanimidade nacional. Um trabalho que começou cedo, nas categorias de base do Botafogo de Ribeirão Preto, chamou a atenção já entre os profissionais, mas que só amadureceu, finalmente, no São Paulo, graças à estrutura do clube que lhe proporcionou ganhar todos os títulos possíveis, do Campeonato Paulista ao Mundial Interclubes, passando pelo Campeonato Brasileiro e a Taça Libertadores da América. "Decidi três coisas antes de começar o ano de 1991", recorda o jogador, estabelecendo o divisor de águas de sua carreira. "Primeiro, que iria explodir definitivamente para o futebol; depois, que me tornaria um artilheiro; e, principalmente, que voltaria para a Seleção", enumera.

Acima da média na parte física

De fato, tudo acabou acontecendo como o craque planejara, mas não necessariamente nessa ordem. Raí, até então tido como um sonolento meio-campo que chegou a ter seu nome cogitado para uma possível transação com o Vasco, terminou o Campeonato Paulista de 1991 como artilheiro, com 20 gols. E, depois de quatro anos, voltou à Seleção Brasileira para disputar a Copa América, pelas mãos de Falcão (Raí não vestia a camisa amarela desde 1987). Paralelamente à sua evolução técnica, ocorria também um excepcional desenvolvimento físico, transformando-o em um atleta ideal. Aí, sim, a missão estava cumprida: Raí já era, àquela altura, o preferido de todo o Brasil. "Ele pode não ser o melhor do grupo em resistência e velocidade, mas, em todos os itens, fica acima da média", avalia o preparador Moraci Sant'Anna, um dos responsáveis, a partir de sua chegada, pela metamorfose física sofrida pelo meia. "Ele participa do jogo o tempo todo, combate, entra de carrinho se for preciso. É o jogador que o futebol moderno exige", sintetiza o técnico Telê Santana.

Tamanha eficiência só poderia, mesmo, despertar a cobiça do futebol europeu, onde atua, hoje, grande parte dos selecionáveis brasileiros. E Raí, mesmo permanecendo no São Paulo neste primeiro semestre de 1993, já está negociado com o Paris Saint-Germain, da França, o mesmo clube do quarto-zagueiro Ricardo Gomes e do ex-gremista Valdo. Sabendo que deve grande parte do sucesso de seu futebol às constantes taças que levanta, ele não faz por menos: "Estou indo para ganhar a Copa dos Campeões da Europa". E, se todas as expectativas forem confirmadas, a intenção é bisar este feito com o maior de todos os títulos, pela Seleção, nos Estados Unidos. "Largamos como um dos favoritos, porque temos uma ótima safra de jogadores, tanto no Brasil quanto no exterior", opina. Com a mesma decisão de quem, um dia, resolveu que iria conquistar a unanimidade pelas suas próprias forças.

"Decidi três coisas em 91: explodiria para o futebol, me tornaria um artilheiro e voltaria para a Seleção"
RAÍ

FOTOS RICARDO CORRÊA

Contra o holandês Koeman, na final do Mundial Interclubes, em 92: Raí acabou com a banca do Barcelona

Sob o seu comando, o São Paulo viveu sua fase mais gloriosa em número de títulos

Denilson 1997

Zagallo definiu bem: "Denilson lembra os pontas de antigamente". Lembra mesmo. Habilidoso ao extremo, quase um malabarista, ele sempre preferiu o drible desconcertante ao gol. No São Paulo, só ganhou o Paulista de 1998, mas marcou época. O último craque deixou o país no ano seguinte à matéria.

O último craque

COM A SAÍDA DE JOGADORES COMO MARCELINHO CARIOCA E PAULO NUNES PARA O EXTERIOR, O SÃO-PAULINO DENILSON, O HOMEM DE 20 MILHÕES DE DÓLARES, VIRA A ESTRELA SOLITÁRIA DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1997

RICARDO CORRÊA

Preparando o drible, a marca registrada: ele sempre sai para a esquerda, mas como pará-lo?

Despedida geral. Os clubes europeus arrancaram o que existia de melhor no futebol brasileiro. Paulo Nunes, o craque do supercampeão Grêmio, foi para o Benfica. Principal jogador em atuação no país no ano passado, o ex-palmeirense Djalminha transferiu-se para o La Coruña. Marcelinho Carioca, xodó do Corinthians, rumou para o Valencia. A lista é imensa e inclui outras estrelas, como Palhinha, Paulo Rink, Cafu, Émerson. Todas essas ausências enfraqueceram o Campeonato Brasileiro, que começou carente de talentos. Só restou um: o são-paulino Denilson, candidato a craque solitário do Brasileirão-97.

Denilson é também a única estrela da Seleção ainda jogando no Brasil. Taffarel e Gonçalves ficaram no país, mas deles não se espera o mesmo brilho.

Com o passe avaliado em 20 milhões de dólares e dúzias de empresários atrás do seu futebol, Denilson carrega o peso de ser o melhor jogador em atividade no país. "A cobrança está vindo de todos os lados, mas vou tentar segurar a onda", promete. Ao lado do atacante Dodô, ele forma a dupla mais promissora do futebol brasileiro. Descoberto por Telê Santana e por Muricy Ramalho quando ainda era juvenil do São Paulo, Denilson ressuscitou no vocabulário do futebol um verbete praticamente extinto. Ele é ponta-esquerda, palavrão há muito tempo sumido dos gramados, ainda que todos teimem em chamá-lo de meia ou atacante. "Denilson lembra os pontas dribladores de antigamente", afirma o técnico Zagallo. É verdade que o craque às vezes exagera nos dribles, mas quem não gosta de ver o zagueirão estatelado no solo depois de tomar uma finta de entortar o quadril?

O futuro desse estilo incisivo dependerá da boa vontade dos treinadores. Alguns vão querer domá-lo, obrigando-o a soltar a bola e, requisito indispensável no futebol moderno, a voltar para marcar. No passado, era diferente. Edu, craque do Santos nos anos 60, foi do início ao fim um magistral ponta-esquerda. Com o tempo, isso mudou. Renato Gaúcho começou como ponta-direita no Grêmio, mas os novos desenhos táticos das equipes exigiram que ele se transformasse em atacante. Hoje, já em fim de carreira, joga até como meia. "A culpa é dos laterais, que ocuparam esse espaço de tanto que vão à linha de fundo", acha o comentarista Falcão. O problema agora é descobrir se Denilson, 19 anos, terá personalidade para suportar tanta pressão. Desligado, ele não é de se deslumbrar muito. Durante a Copa América, encarou numa boa até as piadas de Ronaldinho, que dizia nunca ter ouvido falar nele antes do torneio. Depois da explosão na Copa América, Denilson agora precisa provar para o país que seus dribles não são apenas fogos de artifício.

20 milhões seguram o tchan

Quanto valem as pernas de um craque? Com o passe avaliado em 20 milhões de dólares, Denilson está tratando de proteger seu patrimônio. Nos próximos dias, ele assina um seguro no mesmo valor do seu passe, que o protegeria no caso de invalidez para o futebol. E quanto valeria o traseiro da bailarina do tchan Carla Perez? Se não puder sacudir a poeira por causa de um acidente, ela recebe 2,3 milhões de dólares. Já se as celulites pintarem, não há apólice que resolva o problema.

"A cobrança, agora, está vindo de todos os lados, mas vou tentar segurar essa onda"
DENILSON

Denilson, curtindo os dividendos da fama: em pouco tempo, ele se tornaria o jogador mais caro do país

Ele não é definitivamente um goleiro comum. Bate faltas, pênaltis... Mas vai além. Fora de campo, é profissional ao extremo. Dentro, é amador. Torce para o São Paulo como um fanático e por isso ganhou a galera. Leão já não é mais o técnico da Seleção, como nesta matéria, mas Rogério continua lá.

Ponte que partiu! É o melhor goleiro do Brasil

POR ARNALDO RIBEIRO

ESSA É A VERSÃO PUBLICÁVEL DO GRITO DA TORCIDA DO SÃO PAULO PARA SEU MAIOR ÍDOLO. O ESTILO POLÊMICO DE ROGÉRIO, O QUE BATE FALTA, DÁ PALPITE EM TUDO, VESTE TERNO E DESPREZA PAGODE, CASOU EM CHEIO COM O DO TÉCNICO LEÃO, DA SELEÇÃO. SORTE DELE

Morumbi, 15 de novembro. A Seleção acabara de vencer a Colômbia no sufoco, com um gol no finzinho. Os jogadores, quase todos achincalhados pela torcida durante o jogo, dirigem-se cabisbaixos e rapidamente aos vestiários. Com exceção de um deles, justamente o que estava mais próximo da saída. Em vez de dar três passos, virar-se e sumir no túnel do estádio, ele percorre o caminho inverso. Faz questão de cumprimentar todos os integrantes do time pelo resultado; um a um, incluindo os reservas. Demora um pouco mais no abraço a Rivaldo, o mais vaiado e xingado pela massa. Diz no ouvido do camisa 10: "Para mim, você ainda é o melhor do mundo."

Rogério Ceni não conquistou Leão com esse gesto. Isso já havia acontecido antes. Ele só não foi o capitão do time contra os colombianos porque o treinador resolveu homenagear o lateral Cafu, que completava cem jogos com a camisa amarela. De referência no São Paulo, Rogério tornou-se o maior candidato a símbolo da nova era que se inicia na Seleção.

Leão talvez se veja em Rogério. Também pudera. Ele é goleiro, tem liderança, fala o que pensa, põe o dedo na ferida, é vaidoso, preserva ao máximo a vida pessoal e também tem uma mulher psicóloga. Rogério é o Leão de hoje.

Se o seu estilo não se encaixa com o de Vanderlei Luxemburgo, agora o papo é outro. "No futebol brasileiro, quem emite opiniões e discorda da maioria fica tachado como polêmico. É o meu caso e também o do Leão", diz.

Rogério difere do padrão usual do jogador de futebol e, quem sabe por isso, desperte raiva nos torcedores e até nos atletas adversários. "Quando eu jogava no interior, via as entrevistas do Rogério na TV e vários colegas de time diziam que aquilo era arrogância, que ele é companheiro, sincero, tem uma liderança natural e faz tudo pelo bem do time", afirma Alencar, reserva de Rogério no São Paulo.

RICARDO CORREA

"Já vi muitos repórteres jogando bola no CT e eles só dão de canela. Como é que podem te dar nota? São eles que me julgam!"
ROGÉRIO CENI

Segundo o técnico Paulo César Carpegiani, que trabalhou com ele no Morumbi e fixou-o como capitão, o goleiro conquista os colegas de time porque luta por eles com os dirigentes, por prêmios, renovações de contrato etc. "Ele é respeitado e também admirado."

No São Paulo, ainda mais depois da saída de Raí, só dá ele. "Não me considero uma referência. Apenas converso, mas sem querer impor nada. O maior exemplo de liderança é ter o seu espaço e dar espaço para todo se expressarem. Nunca você vai ter ascendência sobre todo mundo", diz Rogério, que estudou até o terceiro ano colegial, mas acabou não concluindo o segundo grau.

Privacidade

Se não é tão fácil cativar os colegas, Rogério não precisa se esforçar para ganhar a torcida do clube que defende há uma década e por quem já jogou 317 partidas (até o jogo com o Vasco, o último pela fase de classificação da Copa João Havelange). Ele é idolatrado pelos são-paulinos. Talvez porque aja muitas vezes como torcedor. Quando a equipe perde, fica emburrado. Chega a perder a fome, até o sono. Evita sair. Se precisa ir ao supermercado, vai de madrugada, quando não tem ninguém para importunar.

No dia da sessão de fotos para PLACAR, chegou ao estúdio, pouco antes da meia-noite, ouvindo um radinho e secando os adversários diretos do São Paulo, que guerreavam por uma vaga na JH. Chegou a desligar o rádio, por puro nervosismo, quando o Santos empatou o jogo com o Guarani, ameaçando a noite que seria toda tricolor. Rogério só relaxou quando a rodada terminou e seu time conseguiu a classificação sem entrar em campo.

O goleiro também faz questão de ser muito atencioso com os fãs, quando dá um autógrafo ou posa para uma fotografia. "Toda pessoa pública passa uma imagem que influencia as pessoas. Uma atitude errada sua repercute e muito. Seus admiradores podem imitar tudo o que você fez."

Rogério Ceni voa para fazer a defesa: polêmico, vaidoso e indispensável para os são-paulinos

Não por acaso, Rogério é extremamente cuidadoso quando dá uma entrevista. Fica com um pé atrás. Tempos atrás, chegou a usar até um gravador próprio. Segundo ele, era uma garantia para que não distorcessem suas palavras.

O goleiro da Seleção Brasileira não gosta de críticas. Respeita apenas os comentários de ex-jogadores, como Neto, Júnior, Casagrande, Falcão e, principalmente, o ex-goleiro Raul. "São pessoas que jogaram futebol, que sabem das dificuldades, dos buracos no gramado, da curva da bola, do sol na cara, dos refletores te atrapalhando", diz.

"Gosto muito de ler jornal, mas pulo o caderno de esportes. Já vi muitos repórteres jogando bola no CT do São Paulo e os caras só dão de canela, não sabem dominar uma bola. Como é que podem te dar uma nota? E são esses caras que estão te julgando, direcionando a opinião de 500 mil pessoas. Não posso ser julgado por alguém sem referência."

Esse ainda é o Rogério polêmico, notório pelas frases de impacto. Com o tempo, porém, ele tem procurado se controlar. Quem o ouviu analisando, ou melhor, ignorando as falhas cometidas no amistoso da Seleção contra o Barcelona, em 1999, e recentemente, comentando os erros na derrota para o Juventude, em Caxias do Sul, percebe que algo está mudando. "Aprendi a falar menos e guardar algumas opiniões."

Impaciência mesmo, Rogério ainda demonstra quando perguntam o modelo do carro dele, o seu endereço e outros detalhes da sua vida pessoal. "A minha casa é o único lugar onde tenho privacidade e lá apenas os meus amigos entram e vão entrar. O carro é para o meu conforto e o conforto da minha família e não interessa qual o modelo."

Bom. Rogério tem um BMW, mora num apartamento próximo ao estádio do Morumbi e namora há nove anos com a psicóloga Sandra. Música e vídeo são as coisas que mais curte fora esportes. Sim, no plural, já que Rogério é vidrado também em tênis e vôlei.

Fora dos padrões

Mas, mais uma vez, ele foge do lugar-comum. Em vez de pagode, curte tango e rock. Tem mais de uma guitarra e diz que saber tirar as notas básicas de alguns sons das bandas Pink Floyd e Dire Straits. Quando posou com a guitarra, tocou com precisão os acordes de "Wish You Were Here", do Floyd, e "Walk of Life", do Straits. Nos raros momentos de folga, se manda para a casa de praia em Bertioga, mas gosta mesmo é passar as férias na fazenda do pai, em Sinop, no Mato Grosso, pescando.

Outra característica marcante do goleiro é a vaidade. Dentro de campo, camisas personalizadas. Fora dele, terno e gravata para ir aos programas de televisão. Fotos de perfil? Nem pensar. Ressaltam o narigão avantajado. Pior que isso, só os cabelos, que estão rareando. Rogério chegou a tomar o medicamento Propecia para brecar a queda.

Aos 27 anos, ele pretende jogar mais uns cinco ou seis, de preferência no São Paulo. Depois disso, nada de ser técnico ou algo do tipo. Talvez dirigente...

Pensando no futuro, vai retomar o curso de inglês no ano que vem e também começará a ter aulas de espanhol. "Inglês, espanhol e também computação são elementos básicos na vida de qualquer ser humano que pretenda ser alguma coisa hoje em dia", diz. E Rogério Ceni pretende, se é que já não é...

Técnica, oportunismo e gols nunca faltaram a França. Talvez, um pouco de carisma e personalidade. O suficiente para que um dos maiores artilheiros do São Paulo em todos os tempos vivesse sempre às turras com a exigente e implacável torcida; o suficiente para atrapalhar sua trajetória na Seleção.

Rastros de ódio

POR ARNALDO RIBEIRO

A CADA ANO, O MATADOR FRANÇA FAZ MAIS GOLS PELO SÃO PAULO. MESMO ASSIM, ESTÁ SEMPRE COM A CABEÇA A PRÊMIO JUNTO À TORCIDA. IMAGINE AGORA, DEPOIS DA DERROCADA NO PAULISTÃO...

Os gols em profusão não foram suficientes para que França ganhasse a idolatria dos torcedores

PEDRO RUBENS

São Paulo 10 x 0 Botafogo-PB, a maior goleada da história do Morumbi. França faz três gols, chega a 128 com a camisa tricolor e se iguala a Raí entre os maiores artilheiros do clube em todos os tempos. Entra todo sorridente no vestiário. E recebe um recado de um dos seguranças do São Paulo: "Parabéns, mas o presidente da Independente disse que ainda está de olho em você. Falou que você só faz gol contra o Botafogo-PB, esses timecos. Se não continuar marcando, o bicho vai pegar".

Aquela foi a última vitória do São Paulo, antes de o clube despencar no Campeonato Paulista. Há tempos França não consegue jogar em paz. Não que ele não faça seu papel. Mesmo nas derrotas, deixou a sua marca. Além disso, foi artilheiro do Rio-São Paulo (seis gols), é o artilheiro do time na Copa do Brasil (cinco gols), é vice do Paulista (dez gols).

Insuficiente. O torcedor cobra dele tudo aquilo que vê em Rogério Ceni, o outro astro do time: personalidade, liderança, raça, enfim, características de um ídolo que garanta regularidade.

França admite não preencher todos esses requisitos, mas lembra que tirou o São Paulo de várias enrascadas.

Em maio do ano passado, o São Paulo também enfrentou a Lusa, no Canindé, e não podia nem empatar se quisesse passar para as semifinais do Paulista. Situação idêntica. O time venceu por 4 x 2, de virada, e França fez três gols, o terceiro aos 43 minutos do segundo tempo, pouco antes de Marcelinho definir o placar.

Isso, porém, poucos são-paulinos lembram. "Essa é a cultura do futebol brasileiro. O ídolo é massacrado. Tem de estar bem toda hora. Não pode jogar mal, não pode errar um passe. Já são cinco anos de São Paulo. Acho que os caras não agüentam mais olhar para a minha cara", dia.

Depois de perder horas de sono pensando no assunto, França chegou a uma conclusão: sua frieza o afasta do torcedor. "É o meu estilo e reconheço que é um defeito. Fui ficando frio com as críticas. Não vibro tanto nos gols, não sou de subir no alambrado e ficar berrando para os torcedores", diz. "O Dodô era mal interpretado por dar risada o tempo todo; eu, por ser muito sério."

"O torcedor só cobra de quem tem capacidade de oferecer. Em relação ao França, a torcida espera que ele reaja de uma forma, mas ele tem seu modo de ser. É mais na dele, não é explosivo. Nem por isso deixa de fazer parte da história do clube como um dos maiores artilheiros de todos os tempos", diz Rogério Ceni.

A perseguição a França começou justamente no ano passado, quando, quase sempre por motivo de contusão, ficou de fora de jogos fundamentais do São Paulo. Não jogou a decisão do Paulista, contra o Santos, não participou da Copa dos Campeões nem dos confrontos com o Palmeiras, pela Copa João Havelange. Na única decisão em que esteve presente, contra o Cruzeiro, pela Copa do Brasil, foi mal. "Estivemos a três minutos da Libertadores e a torcida não perdoa essa derrota para o Cruzeiro. Eles não suportam ver Palmeiras, Corinthians e até o São Caetano no torneio e a gente fora."

"Em 2000, sofri muito. Primeiro, ferrei meu tornozelo. Depois, um problema muscular. Entrava no sacrifício e ainda era chamado de pipoqueiro, de mascarado, medroso. Quando não jogava, diziam que era porque eu estava negociado."

Na verdade, a transferência não aconteceu por muito pouco. Segundo Wagner Ribeiro, seu procurador e amigo inseparável, a Fiorentina fez uma proposta oficial ao São Paulo de 15 milhões de dólares. "O presidente Paulo Amaral pediu 20, depois baixou para 18 e quando concordou com os 15 a Fiorentina já tinha contratado o Leandro, da Portuguesa", diz Ribeiro. "Eu dei a minha vida no primeiro semestre para tentar uma negociação. Fiz 31 gols, mas o São Paulo preferiu vender outros jogadores (Edmílson, Álvaro, Edu, Marcelinho, Fábio Aurélio...), que talvez não merecessem tanto", afirma.

Como forma de compensação, o São Paulo lhe deu um aumento salarial. Com a grana, o atacante comprou uma casa para os pais em Manaus (Dona Francisca e Seu José Domingos, que ainda trabalha na mesma fábrica de cimento desde que França saiu de lá) e se consolou.

Frustração completa mesmo ocorreu na Seleção. França achou que sua vez havia chagado quando marcou de cabeça o gol de empate contra a Inglaterra, no mitológico estádio de Wembley. Foi só. "Eu trocaria o gol de Wembley por cinco gols nas outras cinco partidas que comecei como titular. Foi uma oportunidade

ALEXANDRE BATTIBUGLI

"Entrava no sacrifício e ainda era chamado de pipoqueiro e mascarado. Quando eu não jogava, diziam que era porque eu estava já negociado"
FRANÇA

de ouro que recebi, mas que não consegui aproveitar." Ele diz que vai se considerar sempre um jogador incompleto enquanto não triunfar com a camisa amarelinha. "Falta isso para eu me consagrar, me tornar um jogador respeitado de fato."

Fominha solidário

Transferência, Seleção...Tudo bem. Mas França não pode dizer que a temporada de 2000 tenha sido um fracasso. Ele fez 40 gols, seu recorde pessoal. Chegou a brigar pela Chuteira de Ouro de PLACAR, mas caiu muito de produção no segundo semestre e não foi páreo para Romário.

Ganhar o prêmio da revista e superar o Baixinho, seu ídolo, virou questão de honra, ele afirma. "Sinto-me bem dando assistências e não me incomodaria não fazer gols, se não houvesse reivindicações de amigos, companheiros, torcedores. Se eu passar dois, três jogos sem marcar, as pessoas cobram. Fico preocupado, ansioso. Quero ter paz para andar nas ruas."

No São Paulo desde 1996, Françoaldo passou mais de dois anos na reserva, de Almir, Valdir, Müller, Aristizábal, Dodô..." Entrava no segundo tempo. Não tinha caixa para agüentar os 90 minutos. Ainda assim, fazia uns dez gols por ano."

O primeiro técnico a apostar de fato nele foi Nelsinho Baptista, em 1998. Ele escalou o eterno reserva ao lado de Raí na decisão do Paulista, contra o Conrinthians. França fez dois gols, levantou a taça e virou titular absoluto — e famoso.

Fase caseira

França ganhou notoriedade, mas não mudou seu jeito de ser. Há até pouco tempo ainda morava no CT do São Paulo. Freqüentava as boates paulistanas mesmo não tendo carro. Usava táxi. "Gosto de dançar, mas aqui em São Paulo as pessoas mexem só os braços." Palavra de quem entende. Antes de sair de Manaus, fazia apresentações nas casas noturnas, imitando Michael Jackson. "Os movimentos do corpo dele me encantam. Levei muito da agilidade da dança para o campo."

Foi dançando numa boate paulista, a Gitana, que França conheceu Daniela, sua noiva. Gerente de banco, é ela, ao lado de Wagner Ribeiro, a administradora de seu dinheiro. Com Daniela, França diz que sossegou. "Virei caseiro. Às 11 da noite, estou na cama. Conheci todas as boates de São Paulo, mas perdi o pique."

Há pouco mais de um ano, deixou o seu quarto no CT e mudou-se para um prédio na avenida Higienópolis, próximo ao Pacaembu, em frente ao colégio/faculdade Mackenzie. Da sacada do apartamento, costuma observar os estudantes. Com uma ponta de inveja. Sem motivo aparente, ele desabafa: "Talvez porque a gente não tenha tido a chance de estudar, eles (torcedores) pensam que não merecemos ganhar tanto dinheiro. Talvez por não termos feito faculdade nenhuma. Por outro lado, estamos na pior faculdade, a faculdade da vida, e precisamos de carinho de em quando." ○

Um fenômeno de popularidade. Esse é Kaká, o jovem talentoso, cabeça feita e boa pinta, que teve uma ascensão meteórica no futebol. Em apenas um ano e meio como profissional, ele já tinha se transformado num dos maiores ídolos dos são-paulinos e chegado à Seleção Brasileira.

Os dez mandamentos de Kaká

O XODÓ DO SÃO PAULO TRAÇOU DEZ OBJETIVOS PARA A CARREIRA NO FINAL DE 2000 E FOI ATINGINDO UM A UM, NUMA RAPIDEZ IMPRESSIONANTE

POR ARNALDO RIBEIRO E EDUARDO CORDEIRO

No fim de 2000, quando nem titular do time de juniores ele era— e ainda se recuperava de uma delicada fratura numa vértebra da coluna cervical, fruto de um acidente em um parque aquático —, Kaká já tinha em mente os seguintes passos paulatinos para a carreira:

- Voltar a jogar futebol
- Subir para os profissionais
- Figurar entre os 25 que fazem parte do elenco durante os campeonatos
- Brigar por uma vaga entre os 18 que sempre se concentram para os jogos
- Ganhar uma vaga de titular
- Jogar o Mundial Sub-20
- Manter-se como titular do São Paulo mesmo após o Mundial
- Ser convocado para a Seleção principal
- Jogar na Seleção principal
- Transferir-se para algum grande clube da Itália ou Espanha.

Um fã especial

Pois bem. Em reles dez meses, o garoto de 19 anos cumpriu sete dos dez mandamentos. E o oitavo objetivo parece próximo, principalmente para um fã bem especial. "Kaká não poderá ficar de fora da Copa de 2002, porque é a maior reve-

lação do futebol brasileiro dos últimos tempos. É um jogador diferenciado, que não joga como alguém que sequer tem 20 anos de idade. Ele precisa só ganhar um pouco de massa muscular, pois é excelente, organizando jogadas e finalizando também." Esse foi Carlos Alberto Parreira, campeão do mundo em 1994, cotado para ser o coordenador-técnico no próximo Mundial, normalmente comedido nos elogios. Felipão também não se absteve e citou-o como um dos sete, oito jogadores que ele está observando. "Quero ver a reação deles em alguns jogos-treinos." Enquanto alcançava metas, Kaká ganhou 4 kg de massa graças a um trabalho de reforço muscular e nutricional que perdura. "Li na internet as declarações do Parreira e fiquei todo empolgado, pelo profissional respeitadíssimo que ele é. Mas logo caí na minha. Não posso me contentar com isso." Mas Kaká, você acredita ou não que estará na próxima Copa? "É um objetivo. Acho que não tem ninguém com vaga garantida. Vou fazer de tudo para estar lá. Não vai dizer aí que estou pedindo uma vaga, hein?", diz o jogador, que não quis vestir a camisa da Seleção e relutou em posar com a bandeira do país ao fundo.

No Brasileiro, ele tem sido para PLACAR o jogador mais importante do São Paulo: artilheiro do time, referência para as jogadas... "Estou à vontade. Até uns conselhos já estou dando." Há quem diga que seu estilo lembra o de Leivinha, nos tempos em que vestia a camisa 8. Mas o ex-ídolo é ponderado nos comentários: "Gosto muito do futebol do Kaká; da movimentação, da habilidade, do oportunismo. É uma das maiores revelações do Brasileiro, mas vocês, da imprensa, exageram nessa busca por ídolos. Qualquer coisa, dizem que o cara é um craque. Isso já atrapalhou o Kaká antes. Como é um profissional de boa estrutura, conseguiu superar. Acredito muito nele."

Kaká na Europa?

Para atingir o último objetivo, jogar na Europa, Kaká teria mesmo que passar pela Seleção antes, segundo seu empresário, Wagner Ribeiro. "Um pouco que se faça pela Seleção vale mais do que o muito que se faça pelo clube. Tem gente pedindo o currículo do Kaká, a idade, até quando vai o contrato com o São Paulo, e o clube já disse que não

existe atleta inegociável..."

Calma, são-paulino. Kaká tem contrato com o clube até fevereiro de 2003. Para sair antes disso, um clube tem de pagar 10 milhões de dólares ao São Paulo, segundo uma cláusula contratual. Na segunda-feira, dia 12, o presidente são-paulino, Paulo Amaral, convocou Ribeiro para uma reunião. Pauta: renovação do contrato de Kaká. "O Bosco (pai de Kaká) quer que ele fique; e quer que o Kaká dê lucro para o São Paulo por tudo o que o clube proporcionou a ele", diz Ribeiro, que não concorda muito com isso. "Costumo dizer aos meus jogadores que o Morumbi fica, o clube se fortalece e vários deles ficam pobres. Não dá para perder oportunidades." Assim como o pai, Kaká quer sair por cima, sem criar problema com o São Paulo, clube que faz parte da sua vida já há 11 anos.

Kaká mora num apartamento confortável a poucos minutos do estádio do Morumbi desde essa época. Completou o segundo grau e é um rapaz estruturado. Não depende da bola para viver. Mais do que o preparo fora de campo e da categoria dentro dele, convence pelo carisma. Com sua maneira simples de ser, e com seu sorriso permanente — "É o meu cartão de visitas" —, cativa todos. Torcedores, fãs, funcionários do clube, colegas...

Exemplo disso? Fácil. A torcida já o tem como um ídolo do nível de França e Rogério. As torcedoras o abordam a todos os momentos. É o campeão de cartas no clube, "umas 15 por semana". Criou um e-mail para os fãs: kk_08@hotmail.com

Já recebeu cantadas de tudo quanto é tipo. "Uma vez, uma fã me pediu minha cueca no vestiário. Fiquei todo sem graça, fingi que não ouvi. Mas, em geral, procuro perguntar o nome, olhar no rosto, para quebrar aquela distância entre ídolo e fã", diz ele, que garante não ter namorada.

Com os colegas, o comportamento também é humilde. Nos tempos de juniores, costumava levar os que vinham de outros estados para almoçar ou dormir na sua casa. O volante Galo, que começa

"O Bosco (pai de Kaká) quer que o Kaká fique no Morumbi e dê lucro ao São Paulo por tudo o que o clube proporcionou a ele"
WAGNER RIBEIRO, EMPRESÁRIO DE KAKÁ

a brilhar agora no time Sub-20, era um dos hóspedes constantes de Kaká.

Quem repara no autógrafo de Kaká, na pulseira, na comemoração dos gols ou até no recado da secretária eletrônica do seu telefone celular, encontra as palavras "Jesus" ou "Deus". Além disso, ele contribui com 10% do salário todo mês para a Igreja Renascer. "Nunca me fez falta. Deus me dá muito mais. Abre as janelas do céu para quem contribui com ele." Mesmo com o discurso, não fala de religião a cada frase numa entrevista nem tenta converter colegas ou algo do tipo.

Exemplo mais bem acabado da política de revelação de jogadores do São Paulo, Kaká construiu toda essa história em dez meses. Antes, no dente-de-leite, no juvenil ou nos juniores, jamais fora titular. Dá para acreditar? "O Müller e o Denilson também passaram por essa situação aqui no São Paulo. E eles são usados como exemplo para ninguém se desmotivar quando está começando." ○

PLACAR

O MUNDO DE ESPECIAIS PLACAR

Confira o vasto cardápio com todas as edições especiais publicadas em 2002 e o que ainda vem por aí...

COLEÇÃO COPA 2002

PLACAR NAS COPAS (ABRIL)
As reportagens de todos os jogos da Seleção Brasileira desde 1970 publicadas na PLACAR. **52 páginas, R$ 4,50.**

SELEÇÃO DO POVO (ABRIL)
Pesquisa revelando quem eram os preferidos da torcida e os perfis da Família Scolari. **52 páginas, R$ 4,90.**

GUIA DA COPA (MAIO)
O melhor guia com fichas e fotos dos 736 jogadores do Mundial de 2002. **148 páginas, R$ 6,80.**

O MELHOR DA COPA (JULHO)
A grande final, os 10 jogões, as 10 surpresas, as 10 decepções, as imagens mais incríveis, o tabelão completo. **114 páginas, R$ 6,90.**

PÓS-JOGO COPA 1, 2, 3, 4, 5 e 6 (JUNHO).
Seis especiais pós-jogos com fotos e textos das partidas do Brasil, perfis e tabelão da Copa. **36 páginas, R$ 3,90 cada.**

DVD A HISTÓRIA DO FUTEBOL 1, 2, 3 e 4 (JUNHO)
Quatro revistas com DVDs dos filmes oficiais da Fifa com os gols e melhores momentos das Copas de 30 a 98. **R$ 19,90 cada.**

O PENTA TAMBÉM É SEU (AGOSTO)
Livro do fotógrafo da PLACAR Ricardo Corrêa com as melhores imagens do Mundial 2002. **100 páginas, R$ 19,90.**

100 FOTOS DA SELEÇÃO (JULHO)
Especial de luxo com as 100 melhores fotos da Seleção Brasileira em todos os tempos. **100 páginas, R$ 9,90.**

PÔSTER BRASIL PENTA (JULHO)
O superpôster do Brasil, as fichas dos pentacampeões, autógrafos e a reportagem da final. **R$ 2,50.**

COLEÇÃO GUIAS E CAMPEÕES

EDIÇÃO DOS CAMPEÕES (JANEIRO)
Pôsteres de todos os campeões nacionais de 2001. Para guardar e colocar na parede.
48 páginas, R$ 4,50

PÔSTER CRUZEIRO SUL-MINAS (MAIO)
O superpôster do campeão, as fichas de todos os jogos e os destaques do time vencedor. **R$ 3,50.**

GUIA DO SEMESTRE (MARÇO)
Guia dos regionais, estaduais, Libertadores e Copa do Brasil com informações sobre os clubes participantes.
84 páginas, R$ 4,90.

PÔSTER CORINTHIANS RIO-SÃO PAULO (MAIO)
O superpôster do campeão, as fichas de todos os jogos e os destaques do time vencedor. **R$ 2,90 .**

100 FOTOS DO CORINTHIANS (MAIO)
Especial de luxo com as 100 melhores fotos do Corinthians em todos os tempos.
100 páginas, R$ 9,90.

PÔSTER BAHIA COPA DO NORDESTE (MAIO)
O superpôster do campeão, as fichas de todos os jogos e os destaques do time vencedor.
R$ 3,50.

COLEÇÃO 13 CLUBES

GRANDES PERFIS
Os melhores perfis publicados na PLACAR desde 1970 de Flamengo, Corinthians, Atlético-MG, Internacional, Vasco, São Paulo, Grêmio, Cruzeiro, Fluminense, Palmeiras, Bahia, Santos e Botafogo. Em 13 edições especialíssimas.
52 páginas, R$ 4,90, a partir de setembro.

E o que vem por aí...

COLEÇÃO BRASILEIRÃO 2002

GUIA DO BRASILEIRÃO
O melhor guia com fichas e fotos dos 486 jogadores do Brasileiro de 2002, curiosidades, tabelas e muito mais. **128 páginas, R$ 6,90. Já nas bancas**

A HISTÓRIA DO BRASILEIRÃO
Especial acompanhado de CD-ROM que traz as fichas completas dos 11 065 jogos do Campeonato de 1971 a 2001.
32 páginas, R$ 6,90. Já nas bancas.

ALMANAQUE DO BRASILEIRÃO
Especial com mais de 100 perguntas sobre o Brasileiro, Tabelão de 2002, as imagens mais espetaculares, Bola de Prata, Chuteira de Ouro e muito mais. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas em outubro.**

REVELAÇÕES DO BRASILEIRÃO
Especial com os destaques do campeonato, as fotos coma assinatura PLACAR, Bola de Prata, Chuteira de Ouro e muito mais. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas em novembro.**

RETROSPECTIVA DO ANO
Especial com o que aconteceu de melhor no Brasileirão, Copa do Brasil, estaduais, Copa do Mundo e destaques do ano do futebol. Além do Tabelão do Brasileiro, Bola de Prata e Chuteira de Ouro. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas em dezembro.**

O MELHOR DO BRASILEIRÃO
Especial com os 10 jogões, as 10 surpresas, as 10 decepções, o Tabelão completo de todo o campeonato, o resultado final da Bola de Prata e da Chuteira de Ouro. Para as imagens mais espetaculares, Bola de Prata, Chuteira de Ouro e muito mais. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas no final de dezembro.**

VENDAS POR INTERNET

NO SITE WWW.PLACAR.COM.BR (LOJA PLACAR) É POSSÍVEL COMPRAR PACOTES DOS ESPECIAIS PUBLICADOS EM 2002

> Pacote Copa total:
Os seis especiais pós-jogo, o Melhor da Copa e o Pôster do campeão: de R$32,80 por R$19,90 mais frete.

**Para comprar algum revista específica basta pedir ao jornaleiro mais próximo*

> Pacote 4 DVDs:
Os quatro especiais História das Copas com os vídeos oficiais dos Mundiais de 1930 a 1998: de R$79,60 por R$69,90 mais frete.

> Pacote Corinthians:
O Almanaque do Timão, o especial 100 fotos do Corinthians e o pôster do campeão da Copa do Brasil: de R$22,70 por R$14,90 mais frete